

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
POLO UNIVERSITÁRIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**ALTERAÇÕES ESPACIAIS NO CAMPO A PARTIR DO
MEGADESASTRE DE 2011 E AS FORMAS DE REPRODUÇÃO NO
BAIRRO VIEIRA, TERESÓPOLIS-RJ.**

Nome: Carlos Renato Ricardo Werneck
Matrícula: 212067076

2017
Campos dos Goytacazes

CARLOS RENATO RICARDO WERNECK

**ALTERAÇÕES ESPACIAIS NO CAMPO A PARTIR DO
MEGADESASTRE DE 2011 E AS NOVAS FORMAS DE REPRODUÇÃO
NO BAIRRO VIEIRA, TERESÓPOLIS-RJ.**

Trabalho de conclusão de curso em cumprimento parcial às exigências do Curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes – para a obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa Dra Erika Vanessa Moreira Santos

**2017
CAMPOS DOS GOYTACAZES**

**ALTERAÇÕES ESPACIAIS NO CAMPO A PARTIR DO MEGADESASTRE DE 2011
E AS FORMAS DE REPRODUÇÃO NO BAIRRO VIEIRA, TERESÓPOLIS-RJ.**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a Dr^a Erika Vanessa Moreira

Prof. Dra. Adriana Filgueira Leite

Prof^a Dr^a Vanusa da Silva Pereira Ney

AGRADECIMENTOS

Realizar estes agradecimentos é uma pequena chance de retribuir à toda colaboração e ajuda que foi concedida a mim, e agradecer a quem trilhou ao menos um trecho deste caminho comigo.

À Universidade Federal Fluminense, ao Polo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao REUNI, pela possibilidade de ingresso e a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia.

Aos meus Professores, que me mostraram um novo mundo e apresentaram uma possibilidade de transformá-lo para melhor.

Aos colegas da turma de 2012.2 pelo compartilhamento de momentos que ficaram guardados para sempre, vocês jamais serão esquecidos.

A todos os membros do Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU) pela troca de saberes, experiência e evolução.

A minha família, que me fez seguir em frente e expandir novos horizontes, me fazendo acreditar e pelo apoio quando precisei.

A minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Erika Vanessa Moreira, por toda orientação e profissionalismo, pelos momentos de trocas e aprendizado, sendo uma mentora excepcional nesta caminhada acadêmica.

A Pâmela, por alegrar e compartilhar os momentos de trabalho árduo.

Aos moradores de Vieira, que me receberam de braços abertos, gostaria de agradecer-los imensamente, sem a colaboração dos entrevistados e das informações coletadas no bairro este trabalho jamais seria possível.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa procurou identificar e compreender quais foram as estratégias de reprodução social e econômica adotadas pelos moradores do Bairro Vieira, localizado no distrito de Bonsucesso, município de Teresópolis, Rio de Janeiro, Brasil., com o intuito de analisar as alterações no espaço rural da área de estudo. Entretanto, buscamos compreender o processo de formação socioespacial, em particular, o contexto histórico da localidade selecionada e a partir daí compreender inicialmente como ocorreu o evento do megadesastre em janeiro de 2011. Com relação aos procedimentos metodológicos utilizados, inicialmente realizamos levantamento e leitura do material bibliográfico sobre o evento, estratégias de reprodução, além do conceito de espaço e espaço rural. Levantamos materiais e sobre documentos contexto histórico do bairro rural, através de relatos dos moradores e de um blog. A partir desta primeira etapa, buscamos a realização pesquisas de campo exploratória com a observação sistemática e registros fotográficos. Também realizamos a aplicação de questionários junto a 24 famílias e roteiros de entrevistas junto aos moradores mais antigos. Procuramos compreender as dinâmicas econômicas diante do fenômeno, além de analisar as estratégias de reprodução social e econômica dos moradores, antes e depois do evento. O Megadesastre alterou as dinâmicas sociais, físicas e econômicas dos municípios da região serrana. Nesse sentido, tanto áreas urbanas quanto áreas rurais foram atingidas, de formas particulares.

Palavras-Chave: *Práticas Espaciais, Megadesastre, Evento, Bairro Vieira*

ABSTRACT

This research sought to identify and understand the strategies of social and economic reproduction adopted by residents of the Vieira neighborhood, located in the district of Bonsucesso, Teresópolis, Rio de Janeiro, Brazil, with the purpose of analyzing the changes in the study area. However, we sought to understand the process of socio-spatial formation, in particular, the historical context of the selected locality and from there to initially understand how the megadisaster event occurred in January 2011. Regarding the methodological procedures used, we initially performed a survey and reading of the material bibliography about the event, reproduction strategies, as well as the concept of space and rural space. We raise materials and on documents historical context of the rural neighborhood, through reports of the residents and a blog. From this first stage, we seek to conduct exploratory field research with systematic observation and photographic records. We also carried out questionnaires with 24 families and interview scripts with the older residents. We tried to understand the economic dynamics before the phenomenon, besides analyzing the strategies of social and economic reproduction of the residents, before and after the event. The Megadisaster changed the social, physical and economic dynamics of the municipalities of the mountain region. In this sense, both urban areas and rural areas have been hit, in particular ways.

Keywords: Space Practice, Megadisaster, Event, Vieira Neighborhood

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEASA:	Central de Abastecimento Fluminense
DRM-RJ:	Departamento de Mineralogia do Rio de Janeiro
FAO:	Food and Agriculture Organization of United Nations.
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFF:	Universidade Federal Fluminense

LISTA DE MAPAS

Croqui 01:	Localização do Bairro de Vieira.....	41
	
Croqui 02:	Localização do Município de Teresópolis.....	45
	
Croqui 03:	Bairro de Vieira.....	48
	
Croqui 04:	Hidrografia do Bairro de Vieira.....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	: Fluxo denso de blocos de rocha e sedimentos que atingiram o fundo do vale (planície de inundação).....	30
Figura 2	Detalhe dos blocos rolados.....	30
Figura 3	Depósito de talus na base das escarpas com blocos rochosos variando de tamanho centimétrico a métrico.....	30
Figura 4	Demonstração Lateral do escorregamento (seta vermelha), de um grande bloco rolado (seta laranja) e do grande acúmulo de massa de solo em declive (seta azul).....	31
Figura 5	Demonstração da massa de solo instável (seta vermelha) e da residência no alcance (seta azul) de um provável reativamento da mesma.....	31
Figura 6	Perfil da Estrada Teresópolis - Friburgo - Km 38 - Serra do Vieira (Próximo ao Mirante).....	32
Figura 7	Perfil da Estrada Teresópolis - Friburgo - Km 38 - Serra do Vieira (Próximo ao Mirante).....	32
Figura 8	Vista das casas a jusante do talude e detalhe do degrau de abatimento na frente do mesmo.....	33
Figura 9	Demonstrativo das trincas de tração na Estrada Teresópolis – Friburgo...	33
Figura 10	Fratura na Rocha.....	34
Figura 11	Ponto de Escorregamento.....	34
Figura 12	Sedimentos depositados.....	34
Figura 13	Sedimentos no fundo do vale Fonte.....	34
Figura 14	Leito do rio coberto por material depositado.....	34
Figura 15	Leito do rio coberto por material depositado.....	34
Figura 16	Localização do Bairro de Vieira.....	35
Figura 17	Localização do Bairro de Vieira.....	35
Figura 18	Localização do Bairro de Vieira.....	35
Figura 19	Localização do Bairro de Vieira.....	35
Figura 20	Igreja como Componente do Núcleo do Bairro.....	46
Figura 21	Principal Rua do Perímetro Urbano.....	46
Figura 22	: Núcleo Urbano de Vieira.....	46
Figura 23	Serra do Palmital.....	46
Figura 24	Rio Vieira.....	47
Figura 25	Serra do Palmital (1).....	47
Figura 26	Serra do Palmital (2).....	47
Figura 27	Serra do Palmital (3).....	47
Figura 28	Serra do Palmital (4).....	47
Figura 29	Serra do Palmital (5).....	47
Figura 30	Alto de Vieira.....	48
Figura 31	Alto de Vieira (2).....	48
Figura 32	Homenagem as Vítimas no Mirante.....	48
Figura 33	Mirante de Vieira.....	48
Figura 34	Mirante de Vieira.....	49
Figura 35	Vista do Mirante Vieira.....	49
Figura 36	Fachada do Bar do Entrevistado antes do Evento.....	51
Figura 37	Residência nos fundos do Bar, antes do Evento.....	51
Figura 38	Fachada do Bar do Entrevistado após o Evento.....	52
Figura 39	Fachada do Bar do Entrevistado após o Evento 2.....	52
Figura 40	Residência nos fundos do Bar, depois do Evento.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01:	Tamanho das Famílias dos Entrevistados.....	55
Tabela 02:	Nível de Escolaridade dos Entrevistados.....	56
Tabela 03:	Tamanho da propriedade.....	58
Tabela 04:	Tamanho da área destinada para produção.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Tabela 01:	Faixa Etária dos Entrevistados.....	53
Tabela 02:	Tamanho da Família dos Entrevistados.....	54
Tabela 03:	Nível de Escolaridade dos Entrevistados.....	55
Tabela 04:	Modo de aquisição da propriedade.....	56

LISTA DE QUADROS

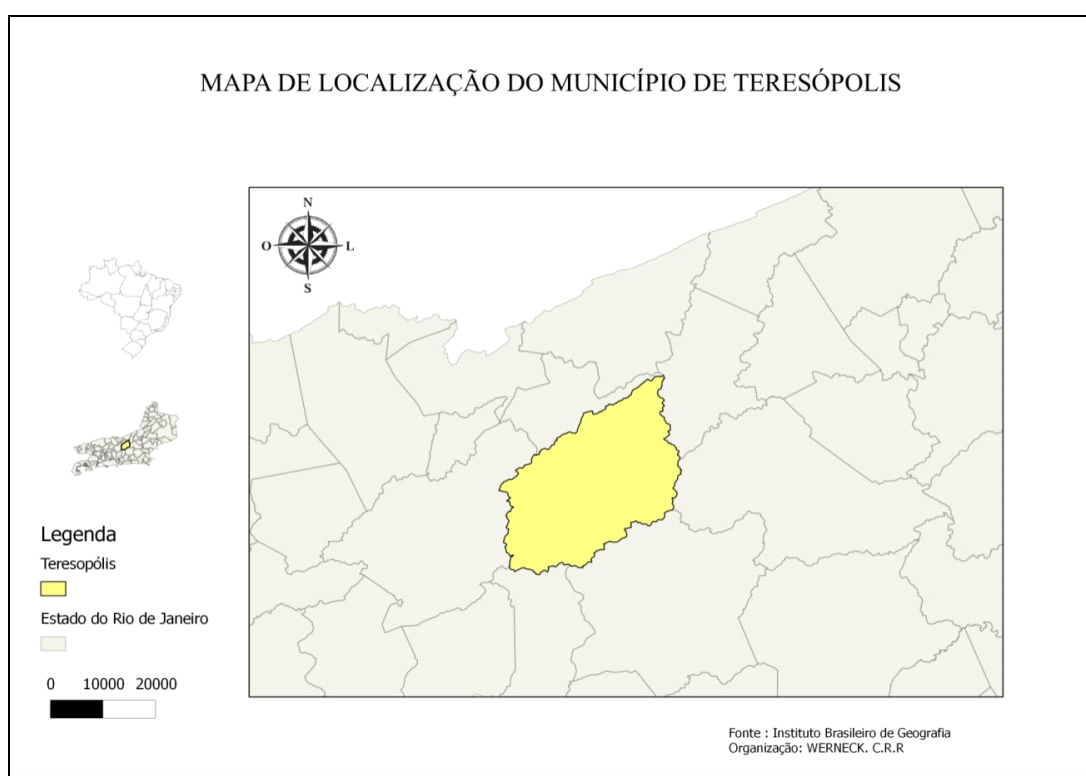
Quadro 01:	Diferentes estratégias de reprodução social.....	21
-------------------	--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CAPÍTULO 1: Agricultura Familiar: do conceito as práticas socio espaciais.....	17
2.1 O Espaço um conceito multifacetado.....	18
2.2 Agricultura familiar e as práticas espaciais.....	20
2.3 O debate acerca do conceito de Agricultura Familiar.....	21
2.4 O Espaço rural e a Agricultura Familiar.....	24
3. CAPÍTULO 2 – O Evento: do conceito as diferentes visões.....	28
3.1 O Evento, segundo os relatórios do DRM.....	29
3.2 O <i>Evento</i> Vieira, uma caracterização.....	30
3.3 O bairro de Vieira.....	33
4. CAPÍTULO 3 – Recorte Espacial.....	37
4.1 O Bairro e suas possíveis abordagens.....	38
4.2 Localização e Breve Histórico.....	39
4.3 Formação da Cidade e seus Decretos.....	40
4.4 A formação de Vieira segundo os populares.....	49
5. CAPÍTULO 4 – Estratégias de reprodução e o evento: A força da Agricultura Familiar.....	54
5.1 Características Gerais do Entrevistado.....	54
5.2 Estrutura Produtiva e Renda.....	58
6. Considerações.....	60
7. Referencial Bibliográfico.....	62
8. Apêndice.....	65
9. Anexo.....	66

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “Alterações Espaciais no campo a partir do megadesastre ¹de 2011 e as formas de reprodução social no bairro Vieira, Teresópolis – RJ” tem como objetivo principal identificar e compreender quais foram as estratégias de reprodução social e econômica adotadas pelos agricultores familiares do Bairro de Vieira, localizado no distrito de Bonsucesso, município de Teresópolis (mapa 01), com o intuito de analisar as alterações no espaço rural da área de estudo após o megadesastre de 2011.



Croqui 01: Localização do município de Teresópolis

Fonte: IBGE CIDADES

Org: WERNECK, C.R.R

¹ Na noite de 11 para 12 de Janeiro de 2011, entre 21h e 07h, a Região Serrana do Rio de Janeiro foi palco da maior catástrofe da história do Brasil, o Megadesastre de 2011 da Serra Fluminense. Diversos escorregamentos, representados por movimentos de massa generalizados em encostas urbanas e rurais, e ao longo de canais de drenagem que cruzam 07 municípios, deflagrados por chuvas extremas vindas do Norte, deixaram 20.000 desabrigados, resultaram R\$ 2 bilhões em prejuízos econômicos, e, principalmente causaram 983 mortes – 503 em Friburgo, 358 em Teresópolis, 95 em Petrópolis, 22 em Sumidouro, 04 em São José do Vale do Rio Preto e uma em Bom Jardim (não houve mortos em Areal), (LIMA, 2013).

Esse trabalho abordou um bairro rural do Distrito de Bonsucesso, município de Teresópolis, denominado Vieira, localizado aproximadamente a 43,5 km do centro de Teresópolis, distante a 33,5 km do núcleo do município de Nova Friburgo e próximo à 39,3 km de Sumidouro. Buscamos, ao longo desse trabalho, entender como o megadesastre de 2011 alterou as dinâmicas espaciais e como estão as famílias rurais 7 anos após o acontecimento do evento. O bairro de Vieira localiza-se no espaço rural do município de Teresópolis e foi severamente atingido, tanto na área essencialmente agrícola quanto na vila.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), o distrito teve sua formação administrativa datada inicialmente de 05 de abril de 1990, quando era chamado de distrito de Nhungaçu, que outrora já foi chamado de Sebastiana. Os dados adquiridos por meio de entrevistas e fontes secundárias demonstram que sua origem é muito anterior a data oficial.

Entretanto, julgamos essencial compreender o processo de formação sócio-espacial do município e, em particular, o contexto histórico da localidade selecionada, para entender como ocorreu o evento em 2011. Para tanto, buscamos, dentro de nossas limitações, identificar e compreender as dinâmicas econômicas diante do fenômeno, além de analisar as estratégias de reprodução social e econômica dos agricultores, antes e depois do megadesastre de 2011.

Para se alcançar os objetivos propostos buscamos, por meio de um levantamento teórico sobre a Agricultura Familiar, levantar suas possíveis relações espaciais, entender as práticas dos atores locais e, assim, trazer as estratégias de reprodução social e econômica como possíveis práticas socioespaciais na agricultura familiar.

No que se refere à metodologia, o trabalho foi construído por meio dos seguintes procedimentos:

1. Inicialmente realizamos levantamento e leitura do material bibliográfico sobre o evento, agricultura familiar, estratégias de reprodução econômica e social, além do conceito de espaço e espaço rural.
2. Levantamento documental e de fontes secundárias sobre o contexto histórico do bairro rural,
3. Levantamento de informações e dados junto às instituições, como a Prefeitura Municipal de Teresópolis, a Defesa Civil, Sindicatos, Associações.
4. Realizamos uma pesquisa de campo exploratória com a técnica da observação sistemática com registros fotográficos.

5. Elaboramos e aplicamos questionários semiestruturados junto a 24 famílias do bairro.
6. A partir dos dados coletados, organizamos gráficos, tabelas, quadros e mapas.

Desta forma, todo o arcabouço de material levantado permitiu, *a grosso modo*, sistematizar à luz do referencial teórico para abordar a correlação entre o evento, o espaço rural e a agricultura familiar. Nesse sentido, buscamos, de maneira muito incipiente, correlacionar o evento e os impactos diretos nas formas de estratégias de reprodução social e econômica – agricultura-.

A análise regional perpassa pela natureza física do evento e busca compreendê-lo enquanto agente modelador do espaço em suas múltiplas dimensões e a necessidade de entender as implicações do megadesastre e suas alterações no espaço rural.

O Vale de Bonsucesso ou distrito de Bonsucesso está localizado no município de Teresópolis e estabelece divisas com o município de Nova Friburgo. O Megadesastre de 2011 alterou as dinâmicas sociais, físicas e econômicas dos municípios da região serrana fluminense, pois tanto áreas urbanas quanto áreas rurais foram atingidas. Segundo a Secretaria Estadual de Agricultura do Rio de Janeiro, os prejuízos na agricultura da região serrana contabilizaram R\$ 269 milhões. Segundo Silva (2003) diferentes prejuízos ocorreram no espaço rural dos municípios, como: perdas na agricultura; comprometimento de estradas; infraestrutura; residências; rede elétrica e indústrias.

Essa espacialização dos impactos do desastre justifica-se pela localização da área afetada. O Bairro de Vieira está a 8,3 km de um importante centro de distribuição regional, a Ceasa da Região Serrana, ou seja, é um bairro com significativa produção de hortaliças para fins comerciais. O referido bairro, assim como toda a área limítrofe entre os três municípios – Teresópolis, Sumidouro e Nova Friburgo -, possui semiespecialização na produção de hortaliças folhosas, pautada na agricultura familiar e também em empresas de produção hortícolas que abastecem o estado do Rio de Janeiro. O bairro Vieira ainda funciona como entreposto de apoio aos consumidores, localizado na região que mais produz folhosas do Estado, absorvendo a produção de Nova Friburgo, Bom Jardim, Teresópolis, Sumidouro e Trajano de Moraes (CEASA, 2017).

Sobre o evento, é importante mencionar que na área agrícola houve sérios danos às plantações localizadas às margens do Rio Vieira. No caso das plantações agrícolas em regiões montanhosas, onde o rio forma corredeiras houve forte erosão das margens (DOURADO, ARRAES, SILVA, 2012, p. 43).

Deste modo, o trabalho estrutura-se em quatro partes, além da introdução, das considerações finais e referências bibliográficas. O primeiro capítulo refere-se à Agricultura Familiar, correlacionando seu conceito e as práticas sócioespaciais. No segundo, buscamos trabalhar o evento através de seu conceito e as diferentes visões. Já no terceiro capítulo, a preocupação foi abordar o recorte espacial, bairro Vieira, com o intuito de contextualizar a história do referido bairro pela ótica dos moradores. No quarto e último capítulo, apreendemos sobre as estratégias de reprodução e as mudanças após o megadesastre de 2011.

Deste modo, surge a necessidade de compreender o bairro e suas relações, a partir da organização espacial – a relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. Trazendo para o nosso recorte da pesquisa, é possível pensar o bairro como elemento de uma rede disposta no território, com todas as ruralidades presentes e em constante transformação.

AGRICULTURA FAMILIAR: DO CONCEITO AS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS

Para entender como se dá a produção do *espaço* e as práticas na *agricultura familiar*, buscamos em Santos (1997) o aporte teórico, cuja preocupação é mostrar a relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, e como é mediada pela técnica. Segundo Santos (1997, p. 25), as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais para transformar, produzir e reproduzir espaço. Contudo, diferentes estratégias ou práticas, articulam-se no sentido de moldar a relação do homem com o meio.

Segundo Corrêa (2014, p.35), “as práticas espaciais são um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais”. Nesse sentido, a agricultura familiar busca o unir o caráter familiar das unidades produtivas com a lógica econômica local. As estratégias de reprodução econômica, portanto, são fundamentadas em aspectos objetivos e subjetivos, em que as lógicas adotadas nem sempre estão voltadas ao caráter mercantil, mas sempre vinculadas ao espaço rural, como reflexo e processo das relações sociais e produção.

As relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, tornam possível a análise da sociedade. Essas relações diferem no tempo e no espaço, pois elas indicam, o modo como será a relação do homem com seu meio, daí a necessidade de buscar compreendê-la. Acreditamos na importância de relacionar as práticas da agricultura familiar com a concepção de meio ambiente para este trabalho, onde o consideramos como: “a base natural sobre a qual se estruturam as sociedades humanas para sobreviver” (VIANNA, 1997, p.10), ou seja, o local onde os grupos sociais, por meio de suas relações com a natureza, organizam-se.

Essa interação do homem com a natureza estabeleceu distintos modos de organização. Esses modos de vida estão relacionados às culturas. Dessa forma, nos aproximamos da visão exposta por Porto-Gonçalves (1989), ao afirmar que cultura e natureza se condicionam reciprocamente, uma é condição para a outra, não havendo absorção das partes. Para o autor, “o homem por natureza, produz cultura” (1989, p.125); isso quer dizer que o homem, em sua essência, e durante a produção de sua vida em sociedade, tem suas ações em relação à natureza mediadas pela cultura, que também podem ser entendidas como as múltiplas visões de mundo. As diferenças de organização entre os povos agrícolas e coletores trazidos por Vianna (1997), são exemplos destas distintas visões. Portanto, como bem apontado por Porto-

Gonçalves (1989), a concepção de natureza de cada sociedade-cultura permite entender as relações sociais. E ainda: “toda sociedade-cultura cria um determinado conceito de natureza, ao mesmo tempo em que institui suas relações sociais” (PORTO-GONÇALVES, 1989, p.125).

Conforme apontado por Vianna (1997), com o decorrer do tempo, houve modificações nas formas organizacionais das sociedades, o que, conseqüentemente, geraram novos modos dos grupos se relacionarem com a natureza. É importante frisar justamente, esta passagem histórica, ou seja, o processo no qual foram formados os modos organizacionais que conhecemos hoje. É possível ainda correlacionar a agricultura familiar, com a relação que os agricultores possuem com a terra, onde há uma valorização dos elementos característicos da paisagem e como as pessoas destas áreas se relacionam com os elementos naturais - a terra, a água e outros hábitos que diferenciam o rural, o urbano e como estas definições e caracterizações estão em constante transformação.

2.1 Espaço: conceito multifacetado

O conceito de espaço é fundamental nesse trabalho. Recorremos ao trabalho de Corrêa (2014, p. 18) para caracterizar como cada corrente histórico-metodológica apreende tal conceito. Na Geografia tradicional, tendo em seu expoente Ratzel, o espaço aparece “como base indispensável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer dizer naturais, quer aqueles socialmente produzidos”. O espaço transforma-se em elemento estratégico na história do homem (CORRÊA, 2014, p. 18).

Segundo o referido autor, na geografia crítica, o conceito espaço deixou de ser ponto de partido (espaço absoluto) e ponto de chegada (espaço relativo), passa ser uma construção social. A crise paradigmática no final dos anos de 1970 possibilitou mudanças conceituais e novas inquietações sobre o papel da geografia e do geógrafo. O espaço é um “receptáculo de múltiplas contradições espaciais” (SOJA; HADJIMICHALIS *apud* CORRÊA, 2014, p.25). Ainda nessa perspectiva teórica, o autor possibilita diferentes olhares. Segundo Lefebvre *apud* Corrêa (2014) o *espaço* é compreendido enquanto conceito, “desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema” (LEFÉBVRE *apud* CORRÊA, 2014, p.25). O espaço é, portanto, o *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade (CORRÊA, 2014, p.26).

pela história [...] já o espaço da “natureza segunda” abrange desde a materialidade transformada pela sociedade (campos de cultivo, infraestrutura, cidades, etc.) até os espaços simbólicos e as projeções espaciais do poder, que representam o entrelaçamento dos aspectos imaterial e material da espacialidade social (SOUZA, 2013, p.31).

A partir destas considerações valoriza-se o conceito de espaço social (SOUZA, 2013).

O espaço social é, a princípio, algo material, tangível, palpável. Campos de cultivo, pastagens; casas, prédios, cabanas, ocas; estradas, ruas, vielas, picadas; barragens, represas, usinas... A lista é imensa, quase infinita. Cada uma dessas “coisas” pode ser chamada de um “*objeto geográfico*” particular. [...] Para Milton Santos, em seu célebre livro *Por uma Geografia Nova*, “o espaço é a matéria trabalhada por excelência”; “uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos” (SANTOS *apud* SOUZA, 2013).

Neste sentido, (LEFÉBVRE *apud* SOUZA, 2013) atribui ao conceito de espaço algumas características próprias, além de ressaltar sua importância como conceito-matriz que opera outros conceitos, criando quatro subdivisões dentro do conceito de espaço. Seriam eles, o *Espaço Geográfico*, entendido pelo autor como o conceito central, o *Espaço Social* entendido como o espaço apropriado e transformado pela sociedade e a *Organização Espacial e a Produção do Espaço* (SOUZA, 2013).

Entretanto, as relações entre homem-meio estão permeadas de múltiplas dimensões. Souza (2013) traz em seu livro uma concepção sobre o meio/natureza e suas duas concepções. Os dois tipos de natureza, a ‘natureza-primeira’ e a ‘natureza-segunda’. A natureza primeira seria àquela completamente exterior ao homem e não captada por sua consciência, assim, cria o ‘sub-conceito’ de *natureza-para-sociedade*, cuja relação com a natureza é mediada pela cultura e pela história. O autor ainda aponta que a ‘natureza-segunda’ abrange desde a materialidade transformada pela sociedade até espaços simbólicos e projeções espaciais de poder.

Deste modo, as interfaces do espaço social com as diferentes dimensões das relações sociais emergem os conceitos de território, lugar e região. Para Corrêa (1987, p. 57), a organização espacial é “o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da terra”.

Segundo o autor supracitado, a organização espacial tem a ver com a divisão espacial do trabalho, com a disposição e distribuição espacial da infraestrutura técnica (malha viária, redes técnicas) e social (escolas, hospitais).

Para Souza (2013), o ambiente construído ou a *materialidade socialmente construída*,

o ‘assoalho’ de uma cidade, sua hidrografia, seu é o substrato espacial material. Contudo, uma vez produzido dessa ou daquela forma, o espaço material condicionará as relações sociais, as atividades e os processos econômicos e sociais. O substrato condiciona as relações sociais em si mesmo, sendo portador de símbolos e mensagens.

Portanto, surge a necessidade de se entender como a agricultura familiar e suas particularidades participam efetivamente da *organização espacial*. Todavia, entendemos aqui que a organização espacial é “o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da terra” (CORRÊA, 1986 *apud* SOUZA, 2013). Contudo, o autor aponta, que “a organização espacial tem a ver com a divisão espacial do trabalho, com a disposição e distribuição espacial da infraestrutura técnica (malha viária, redes técnicas de abastecimento de água e energia, de esgotamento sanitário etc.) e social (escolas, postos de saúde etc.)”.

Como nosso foco do trabalho é entender como os agricultores estabelecem suas estratégias de reprodução econômica e social no espaço rural, abordar-se-á na seção seguinte, uma breve apresentação do conceito de agricultura familiar e as práticas espaciais que estão inerentes a essa atividade.

2.2 O debate acerca do conceito de Agricultura Familiar

A discussão teórica sobre agricultura familiar, segundo Schneider (2003), refere-se a disputa presente no campo teórico a respeito da definição de agricultura familiar, direcionada e aplicada a múltiplas questões:

A rigor, o conceito de agricultura familiar, antes da década de 1990, a própria referência à agricultura familiar era quase inexistente, uma vez que os termos usualmente utilizados para qualificar essas categorias sociais, eram os de que pequeno produtor, produtor de subsistência ou produtor de baixa renda (SCHNEIDER, 2003, p 36.).

Entretanto, em busca de direcionamento teórico para compreender o conceito *agricultura familiar*, concordamos com Wanderley (2003) quando nos traz três características que vão contribuir para o entendimento de como a *agricultura familiar* deva ser compreendida, segundo sua ótica. A primeira delas, a tentativa de entender o *agricultor familiar*, se dá a partir de sua perspectiva social com ênfase na identidade de *agricultor familiar* perante tanto a comunidade quanto a partir de uma política vertical (WANDERLEY, 2003, p.58).

Mesmo sendo uma identidade “atribuída”, na maioria dos casos, ela é incorporada pelos próprios agricultores e à diferença de outras denominações

impostas de fora (agricultor de baixa renda, por exemplo), ela aponta para qualidades positivamente valorizadas e para o lugar desse tipo de agricultura no próprio processo de desenvolvimento (WANDERLEY, 2003, p.58).

A referida autora ainda coloca que além da perspectiva social, o agricultor familiar não é simplesmente um agente passivo perante as forças hegemônicas ou as forças do capital (WANDERLEY, 2003). O agricultor constrói sua própria história nesse emaranhado de campo de forças. Para Wanderley (2003), em relação ao terceiro ponto, a agricultura familiar envolve diversas possibilidades e não deve ser trabalhada apenas como caráter genérico e único.

Para a FAO (*Food and Agriculture Organization of United Nations*), a agricultura familiar define-se tendo elementos como:

A gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia. A diversidade produtiva também é uma característica marcante desse setor. A Lei 11.326 de julho de 2006 define as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para identificação desse público FAO, 2017 (*²).

Deste modo, esta forma de organização está sempre passando por novos processos e relações sociais, permeadas de diferentes aspectos.

Para Neves (2007), a industrialização da agricultura, apresenta a ameaça de sobrevivência da agricultura familiar frente a subordinação da agricultura em relação a indústria.

2.3 Agricultura Familiar e as Práticas Espaciais

A agricultura familiar associa-se a formas de usos e produção de espaços em que a organização interna da gestão é feita a partir do grupo familiar, cujas estratégias são múltiplas e articuladas. É pelas diferentes estratégias de reprodução econômica e social, que as práticas produzem e transformam o espaço.

Para Corrêa (2014, p.35), “as práticas espaciais resultam, de um lado, da consciência que o homem tem da diferenciação espacial”. A família, o mercado de trabalho, a estrutura

² Informações extraídas do relatório Anual da FAO - 2017 (*Food and Agriculture Organization of United Nations*) que seria a Organização de Alimentação e Agricultura da Organização das Nações Unidas, na qual esta divisa estaria responsável pela gestão das questões relacionadas a gestão alimentar na escala dos países.

fundiária e a conjuntura econômica são alguns elementos que afetam as escolhas e as ações estratégicas dos agricultores.

Para Sant’ana (2004, p.665), a noção de estratégias e *habitus* fundamenta-se em Bourdieu (1983 e 1994) para interpretar o comportamento dos agricultores familiares. Bourdieu *apud* Sant’ana (2004) aponta que a questão do *habitus* pode ser entendido como algo adquirido e que assume a “forma de disposições permanentes”, porém destaca também seu caráter histórico.

Nesse sentido, as estratégias são utilizadas para construir um conjunto de ações práticas que assegura a manutenção do grupo familiar no campo, mas não necessariamente (somente) na atividade agrícola.

Para Corrêa (1995, p. 35):

as práticas espaciais são ações que contribuem para garantir os diversos projetos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução.

Portanto, a *agricultura familiar* abarca um conjunto de práticas de reprodução no campo, com multiplicidades de formas e estratégias (quadro 01).

Tipos de Estratégias	Características
Familiares	Tamanho da família, número de filhos residentes em idade laboral.
Escolaridade	Grau de escolaridade, cursos técnicos.
Fundiária	Tamanho da propriedade, transmissão hereditária.
Produtiva	Tipos de atividades agrícolas, tipos de lavouras temporárias e permanentes, área e renda agrícola, mão de obra empregada,
Comercialização	Tipos de canais, mercados e periodicidade.
Institucional	Tipos de política ou programa inserido
Técnica	Uso de produtos químicos, princípios agroecológicos, uso de máquinas.
Organizacional	Participação em associações, cooperativas e sindicatos rurais.
Orçamentária	Tipos de rendas, tipos de atividades rentáveis, aposentadoria e transferências sociais.

Quadro 01: Diferentes estratégias de reprodução social.

Fonte: Moreira (2017)

Dentro desse debate sobre as práticas sociais, Souza (2013), em “Conceitos Fundamentais para a pesquisa sócio-espacial”, atribui as práticas espaciais o caráter de prática social, sendo assim uma ação inscrita nos marcos das relações sociais. Para o referido autor, o

espaço é, ao mesmo tempo, um produto e um condicionador das relações sociais. As relações sociais constituem uma trama forjada pelas ações dos múltiplos agentes, seja o Estado, os agentes imobiliários, o capital financeiro, os grupos e os movimentos sociais.

Neste sentido, para entender a complexidade entre as relações presentes no espaço rural, buscamos em Santos (1998) a base conceitual:

Todos os espaços são geográficos porque determinados pelo movimento da sociedade, da produção. Mas tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações de formas e sentidos (SANTOS, 1998, p.67).

Esta fluidez do espaço permite avançar na contribuição de outros autores, que possibilitam a discussão a respeito da multiplicidade do conceito de *agricultura familiar*, conceito este que tem diferentes intencionalidades, a depender de seus referenciais teóricos. Para Neves (2007), a agricultura familiar tem como característica intrínseca - a diferenciação a partir da força de trabalho e a forma organizacional.

[...] a contribuição de Roger Borba e Patrícia Flynn, através de *Agribusiness in the Americas*, publicado pela *Monthly Review Press*, de Nova Iorque, EUA, em 1980, e traduzido no Brasil sob o título *Agroindústria nas Américas*, editado pela Zahar Editores, em 1982. “Eles distinguem o sistema de agricultura familiar do sistema de agricultura industrializada empresarial, mediante as condições de uso da força de trabalho: familiar para o primeiro e assalariada para o segundo” (NEVES, 2007, p. 05).

Para Santos (2006, p. 55), no livro “A natureza do Espaço”, “o espaço é formado de objetos técnicos, sendo assim, as técnicas participam na produção da percepção do espaço e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, a que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário”.

Segundo o referido autor, o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem”. Dessa forma, a agricultura familiar vem a ser um conjunto de práticas concretas de organização espacial, com características atreladas as especificidades de cada lugar, seja do ponto de vista da técnica agrícola, das características físicas ou das redes de comercialização.

Nesse sentido, o espaço dentro do sistema capitalista é permeado de uma rede complexa que engloba a sociedade e a força do capital. Buscamos entender a agricultura familiar como

uma possibilidade de se gerir o espaço ante o processo de homogeneização territorial, baseada nas características atribuídas a este espaço através das múltiplas práticas na produção e reprodução do espaço.

2.4. O Espaço rural e a agricultura familiar

A análise do espaço rural e das diferenças entre o rural e o urbano muitas vezes é permeada de um interesse por parte das políticas públicas ou dos interesses fundiários. Essas nuances acabam resultando em análises dicotômicas e difusas. Dessa forma, ao buscar autores que pudessem trabalhar com a questão conceitual acerca do espaço rural, baseamos, inicialmente, em Marafon (2010), para pensar o conceito de espaço rural, em específico o espaço rural fluminense.

O autor supracitado defende que o espaço rural seria ‘um espaço complexo e híbrido’ e, que, por sua vez, haveria dificuldade em trabalhar e em precisar a noção ‘pura’ do que seria espaço rural. Dessa forma, o autor propõe que:

O rural emerge como um espaço híbrido, que apresenta um complexo jogo de inter-relações com agentes naturais e sociais, além de uma grande diversidade e dinamismo. No campo, são inúmeras as interações espaciais e redes geográficas, formadas pelas empresas que integram os complexos agroindustriais, compostos por atores heterogêneos, como empresas, produtores rurais, turistas (MARAFON, 2010, p.228).

O autor aponta que “o espaço rural torna-se mais complexo porque, além das atividades agrícolas, passa a sediar inúmeras outras atividades não agrícolas”. E, portanto, compreende o espaço rural brasileiro como:

[...] fortemente marcado pelo agronegócio de bases modernas e biotecnológicas, bem como pela produção familiar, com sua enorme gama de variações no território brasileiro – seja pelos níveis tecnológicos diferenciados, pelas estratégias de sobrevivência ou pela força dos movimentos sociais de acesso a terra. (MARAFON, 2010, p. 227)

Sobre a hibridez e a complexidade do espaço rural, o referido autor aponta que seus fatores estruturantes vão além da agricultura, pois o espaço rural passa a ser palco de novas relações, sendo assim:

A agricultura não corresponde ao foco estruturante do espaço rural, pois este apresenta novas relações como, por exemplo, o crescimento do contingente populacional em busca de vantagens comparativas, seja por meio de empregos não agrícolas (vinculados ao setor industrial ou de serviços), seja na busca de espaços residenciais. Assim, o espaço rural, de uma função

predominantemente agrícola, passa a apresentar outras funções. Para Jean (2007), assistimos ao renascimento do rural e de suas várias funções – fato que ocorre, inclusive no espaço rural brasileiro (MARAFON, 2010, p.228).

O autor aborda, em seu texto, que pensar o espaço rural requer uma reflexão consistente, a partir da Geografia e de seus conceitos fundamentais, aliados a um conhecimento empírico da realidade (o papel dos trabalhos de campo, por exemplo). E que apesar de trazer a dificuldade em se compreender o espaço rural, o autor defende uma linha de pensamento com a qual familiarizamo-nos, em que coloca:

O espaço rural surge por exclusão, ou seja, tudo o que não é urbano é considerado rural. Todavia, devemos pensar o espaço rural com sua complexidade atual, inserido num mundo globalizado, que apresenta uma perspectiva transescalar local, regional, nacional e internacional dos fenômenos e que, devido às conquistas tecnológicas cada vez mais intensas mostra significantes transformações no território. MARAFON, 2010, p.210).

A respeito da hibridez do espaço rural, Rua (2007) é referencia na discussão sobre o espaço rural híbrido e as urbanidades no campo. Essa hibridez está presente nas diversas atividades que encontramos no campo e está associada às atividades rurais. (MARAFON, 2010). O espaço rural abarca diferentes atividades, como a agrícola, o comércio, os serviços e o turismo. Sobre esse último tópico, Marafon (2010), aponta:

O desenvolvimento de atividade turísticas no espaço rural está associado ao processo de urbanização e ao transbordamento do espaço urbano para o espaço rural (GRAZIANO DA SILVA, 1998). Para esse autor, "novas" formas de ocupação passaram a proliferar no campo. Entre elas, destacam-se: um conjunto de profissões tidas como urbanas (trabalhadores domésticos, mecânicos, secretárias etc.); moradias de segunda residência; atividades de conservação; áreas de lazer (hotéis-fazenda, fazenda hotéis, pesque-pague etc.) Essas "novas" atividades demandaram um número crescente de pessoas para dar sustentação à expansão das atividades turísticas no espaço rural, o que possibilitou que os membros das famílias, liberados das atividades rotineiras da exploração agrícola, pudessem ocupar as vagas geradas nessa expansão. (MARAFON, 2010, p. 230)

O autor enfatiza que as transformações do espaço rural podem ocorrer pela valorização de seus aspectos naturais, em que a paisagem ‘natural’ passa a ser mercantilizada, sendo assim:

O espaço rural se transforma em decorrência da valorização de seus aspectos naturais. A manutenção da produção agrícola familiar se torna importante para a disseminação da imagem do espaço rural e natural vendido ao turista. (MARAFON, 2010, p 239)

Nesse sentido, o bairro de Vieira, transforma-se e reestrutura-se inserido nessa lógica produtiva da região serrana, enquanto produtora de hortaliças e que, por sua vez, tem proximidade a importantes rotas de escoamento de hortaliças folhosas.

O estado do Rio de Janeiro passou a ter participação expressiva na comercialização de hortaliças, cuja produção tem aumentando nos últimos anos, como verificado na região serrana fluminense. A proliferação dessas atividades possibilitou aos produtores familiares a inserção em atividades não agrícolas e consequentemente o aumento da renda familiar (MARAFON, 2010, p 239).

Ao pensar o estado do Rio de Janeiro e a questão do espaço rural, o autor propõe que não há necessariamente uma incisão marcada, que separe o que seria o espaço rural e o espaço urbano. Nesse sentido, o autor propõe que haja níveis, tanto de ruralidades, quanto de urbanidades. E que as ruralidades, seriam ressaltadas dentro de uma lógica comercial, para inserção, por exemplo, da Região Serrana em um circuito hoteleiro, por exemplo, que valorize a paisagem rural. Ele aponta que existem na verdade níveis hierárquicos de urbanização, ou eixos de urbanização, relacionados a região metropolitana do Rio de Janeiro:

“Outro eixo de urbanização é o que ocorre no "topo da serra" (Rua, 2002) e os principais representantes desse eixo são os municípios de Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis. Essa área, marcada pela produção de hortigranjeiros e flores, abastece a RMRJ. Apresenta também um tradicional e significativo polo industrial (com destaque para a moda íntima), além da presença de inúmeros sítios de veraneio, casas de segunda residência, hotéis-fazenda, pousadas, *suas*, estabelecimentos associados aos aspectos naturais da região. Trata-se de uma alternativa de turismo diferente daquela encontrada na Costa Verde e na Costa do Sol. Nessa área ocorre uma intensa produção agrícola com base familiar, centrada em pequenos estabelecimentos, na mão de obra familiar e na baixa tecnificação da lavoura. Esses produtores, na maioria das vezes, ficam à mercê dos atravessadores que controlam o processo de comercialização da produção. Produzem alface, brócolis, couve-flor, tomate etc. e acabam tendo uma baixa remuneração pela suas atividades agrícolas. Na complementação da renda familiar, se inserem no mercado de trabalho não agrícola, exercendo atividades de jardineiros, caseiros, domésticos, ou trabalhando em empresas das cidades da região. Essa área também produz, produtos como orgânicos e hidropônicos, para um mercado consumidor restrito à zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Na região serrana fluminense, nota-se a presença marcante de atividades relacionadas ao turismo rural contemporâneo, em sintonia com a produção familiar” (MARAFON, 2010, p. 237).

O espaço enquanto *locus* da reprodução das relações de produção é trabalhado nesse projeto, em oposição à conceituação de espaço apenas como palco ou substrato da atividade econômica. O espaço, portanto, é reflexo e processo. Para Santos (2005), o conjunto de sistemas de ações e de sistemas de objetos compõe a conceituação de espaço. A relação

espaço-tempo é a base fundamental nos estudos geográficos. As mudanças e as permanências são pares dialéticos no espaço. Há movimentos diacrônicos e sincrônicos no espaço.

No espaço rural é possível encontrar inúmeros exemplos de estratégias de reprodução social e econômica adotadas pelos produtores rurais. Essa diversidade de ações está pautada em dois fatores: a localização geográfica (relação econômica, espacial e comercial) e as relações institucionais (política). Nos espaços rurais, as relações cotidianas são construídas tendo como base uma intensa ligação com a terra. O sustento da família é assegurado pelo trabalho sobre ela produzido, seja por intermédio dos produtos cultivados (para a venda ou consumo), seja por intermédio da criação de animais (pastagens e outras fontes de alimento). A terra não é mero chão, mas garantia de sobrevivência. Os hábitos são construídos tendo como referência a intensa relação que se estabelece entre terra e trabalho (BAGLI, 2006, p. 87).

Diante dessa discussão teórica realizada ao longo desse primeiro capítulo, buscamos enfatizar que as estratégias de reprodução social e econômicas traduzidas como práticas espaciais não envolvem apenas o caráter mercantil, pois a terra para os agricultores não é sinônimo de ativo econômico, mas é a 'vida'. Portanto, as práticas da agricultura familiar envolvem elementos subjetivos, afetivos e de resistência, nesse caso após um megadesastre que devastou o bairro em poucas horas no ano de 2011.

O EVENTO E O MEGADESASTRE VIEIRA 2011: DO CONCEITO ÀS DIFERENTES VISÕES

3.1. O evento na Geografia

Nessa parte do trabalho trazemos a questão do *Evento* em suas diferentes abordagens, partindo do conceito até chegar às diferentes visões por parte dos técnicos e moradores. Consideramos que o evento gera uma série de transformações espaciais, transformações não só geomorfológica, mas também transforma as relações sociais.

Para entender a constituição do megadesastre, recorreremos a dados disponibilizados pelo DRM-RJ (2011) que aponta como aconteceu o megadesastre em janeiro de 2011.

Nesse sentido, os dados apontam que o megadesastre possuía fatores predisponentes do ponto de vista da geologia, da geomorfologia, do clima e da hidrologia. São apontados os fatores que ocasionaram o megadesastre, como o uso e ocupação do solo, a realização de cortes e aterros e a erosão pluvial e fluvial. O relatório ainda atribui como fator deflagrador do megadesastre, “Chuvas do tipo de grande intensidade” em 15 minutos e horárias (DRM 2011)

Os dados ainda apontam que o município de Teresópolis possuía apenas um mapa de risco elaborado por uma empresa particular (*Terrae Engenharia*) e que abarcava somente o 1º distrito de Teresópolis, sendo inexistente a elaboração de dados anteriores ao evento em relação aos demais distritos existentes.

O conceito de evento aparece como essencial nas periodizações de Santos (2004), pois “os eventos mudam as coisas e transformam os objetos, dando-lhes novas características”. Nesse sentido, Silva (2012) aponta que não há evento sem ator e sem sujeito. E, complementa que “os eventos históricos supõem a ação humana. De fato, evento e ação são sinônimos” (SILVA, 2012 *apud* SANTOS, 2004, p.147).

Desse modo, Silva (2012) aponta que:

[...] o evento é sempre presente, mas não necessariamente instantâneo, decorrendo daí a ideia de duração. Lapso de tempo em que determinado evento é eficaz. O evento então teria uma duração natural, decorrente do próprio evento e uma duração organizacional, como no caso de leis e regras que interferem na duração dos eventos (SILVA, 2012 *apud* SANTOS, 2004, p.147)

Para Silva (2012) *apud* Santos (2004, p.148) os eventos podem ser classificados conforme a origem. Os eventos naturais podem ser uma enchente, um terremoto e os eventos sociais e históricos, podemos mencionar a chegada de um trem, a realização de um comício,

um golpe de estado etc.

A dificuldade de se entender um evento como o megadesastre de 2011 e como ele está associado as formas de apropriação do espaço são duas questões norteadoras nesse trabalho. Entretanto, no campo da análise de eventos dessa magnitude emerge como campo de investigação a *geomorfologia histórica*, utilizada para a análise do chamado “terramoto” de São João (Melgaço) em Portugal, no ano de 1841.

Os autores realizaram um percurso pela geomorfologia histórica, publicado em 2005. Em síntese, o boletim apresenta que a reconstituição de eventos de instabilidade geomorfológica ligados à ocorrência de movimentos em massa não são necessariamente de fácil compreensão, pois com o passar do tempo, os vestígios do evento se tornam menos evidentes. E, nesse sentido, o evento de Vieira, em 2011, torna-se cada dia que passa um maior enigma, pois a ação do tempo tende a suavizar as formas originais destes fragmentos (BATEIRA; SOARES; GARCIA, 2005).

Os referidos autores apontam a importância do estudo desses eventos para a elaboração de cartografias de riscos e ressaltam que essa observação possibilita a identificação de uma evolução geomorfológica, além de mapear áreas pretéritas de ocorrência de eventos semelhantes, possibilitando a criação de uma rede de acompanhamento das áreas mais vulneráveis.

O referido evento das chuvas em janeiro de 2011 provocou transformações nos aspectos físicos da paisagem e também transformações nas relações sociais pré-estabelecidas. O “evento” popularmente chamado pelos moradores de “Tragédia” ficou marcado na memória e na paisagem do bairro Vieira.

O *Megadesastre* alterou as dinâmicas sociais, físicas e econômicas dos municípios da região, sobretudo do recorte escolhido. Segundo a Secretaria estadual de Agricultura do Rio de Janeiro, os prejuízos na agricultura da região serrana contabilizam R\$ 269 milhões de reais (LIMA, 2013). O megadesastre 2011 no bairro Vieira ocasionou a destruição de plantações, interdição de casas e, infelizmente, várias vítimas fatais, devido a grandeza do evento e o, transporte de grandes blocos de rocha na parte baixa do bairro. Pretendemos, através de relatos dos atores locais, abordar o megadesastre e suas consequências.

3.2. O Evento segundo os relatórios do DRM

Neste tópico, sobre a origem do evento e sua ocorrência, recorreremos aqui a três

Laudos de Vistoria Emergencial no Distrito de Vieira realizados pelo DRM-RJ (Departamento de Recursos Minerais / Serviço Geológico do Rio de Janeiro) em 2011, em três pontos distintos do bairro de Vieira, o primeiro laudo realizado localiza-se no loteamento de Vieira. O segundo ponto, foi na Estrada Teresópolis – Friburgo Km 38, Serra do Vieira (Próximo ao Mirante). E, o terceiro laudo, refere-se à localidade da Serra do Palmital. Cabe mencionar que todas as localidades apontadas no laudo estão no perímetro urbano do bairro.

A descrição do processo será baseada na compilação de imagens cedidas pelo DRM-RJ. O primeiro ponto (Loteamento de Vieira³ – Figura 1), segundo o laudo, aponta que o loteamento de Vieira está situado ao longo de uma planície de inundação. E que o mesmo foi atingido por um forte e denso fluxo de blocos de rochas (Figura 2) (chegando até aproximadamente 30 m³) e sedimentos catalisados por processo hidráulico. Tal massa é principalmente derivada de solapamentos de depósitos de tálus nos sopés das encostas (Figura 3).

O relatório aponta como medidas protetivas a interdição de todas as casas localizadas na planície de inundação e àquelas localizadas a montante de taludes escavados pelo fluxo hidráulico, estando até 10 metros das cristas do mesmo. Foi feita a remoção dos moradores das residências interditadas para uma area classificada como ‘segura’.



Figura 01: (A) Fluxo denso de blocos de rocha e sedimentos que atingiram o fundo do vale (planície de inundação).

Fonte: Relatório do DRM 2011.



Figura 02: (B) Detalhe dos blocos rolados
Fonte: Relatório do DRM 2011.

³ Imagens extraídas do Laudo do Departamento de Recursos Minerais do Rio de Janeiro (DRM-RJ) da área conhecida como Loteamento Vieira.



Figura 03: Depósito de talus na base das escarpas com blocos rochosos variando de tamanho centimétrico a métrico.
Fonte: Relatório do DRM 2011

Sobre a ocorrência de processos de deslizamento e escorregamento na localidade da Serra do Palmital, o relatório do DRM-RJ aponta que o evento ocorreu de modo que a corrida de massa (figuras 4 e 5) iniciada no contato da capa de solo residual com a rocha da escarpa (no primeiro terço da mesma a partir da base) se prolongam ao longo das linhas de drenagem, deslizando desde grande quantidade de solo argiloso até blocos de tamanhos variados atingindo até 4x3x3 metros (volume aproximado de 36m³) derivados de fraturas de alívio (foto 1) . E que ainda há risco de reativação da corrida de massa de solo, com alcance menor que a anterior. A seguir, apresentaremos as imagens dos laudos do DRM-RJ sobre a Serra do Palmital, em Vieira.



Figura 04: Demonstração Lateral do escorregamento (seta vermelha), de um grande bloco rolado (seta laranja) e do grande acúmulo de massa de solo em declive (seta azul)
Fonte: Relatório do DRM-RJ 2011



Figura 05: Demonstração da massa de solo instável (seta vermelha) e da residência no alcance (seta azul) de um provável reativamento da mesma. **Fonte:** Relatório do DRM-RJ 2011

O laudo promovido sobre um trecho da Estrada Teresópolis – Friburgo, no km 38, aponta que há início de ruptura no primeiro terço (da base para o topo) em um talude de solo residual de aproximadamente 10 metros de altura e de largura e 65° de inclinação, gerando degrau de abatimento. No documento há presença de trinca de tração paralela a crista do talude de até 2 centímetros de abertura (recalque) na estrada (Tere-Fri) a montante, seguindo a mesma geometria do degrau de abatimento, podendo gerar tanto o degrau como a trinca, reativação do movimento em caso de chuvas intensas e/ou constantes (DRM-RJ, 2011).

Segundo consta no laudo, à jusante do talude, distante 10 metros, existe residências e há medidas a serem feitas, como a interdição das residências A, B, C, D e F (figura 06) e a remoção dos moradores para um local até que as providências sejam tomadas. Entre as medidas, o laudo aponta: raspagem do talude, à partir do degrau de abatimento; interdição de uma “mão” da estrada (a do lado da crista do talude) onde aparecem as trincas; colocação de drenagem superficial na base do talude (já existe a mesma no topo) e a colocação de muro de arrimo colado ao talude na área da estrada onde apresenta-se sinais de instabilidade para a liberação da “mão” interditada. Deste modo, o relato do DRM-RJ ⁴apontou os seguintes processos.

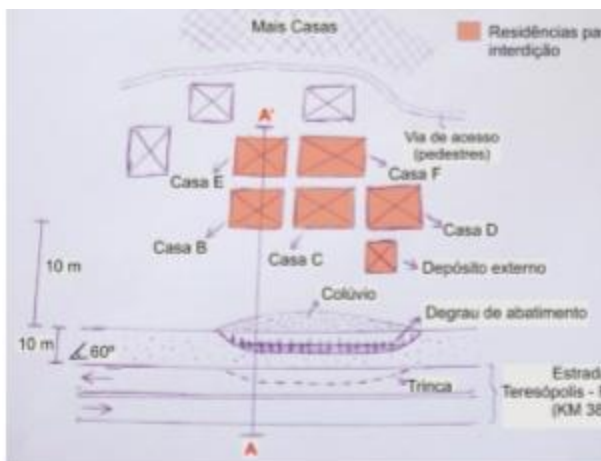


Figura 06: Perfil da Estrada Teresópolis - Friburgo - Km 38 - Serra do Vieira (Próximo ao Mirante). **Fonte:** Relatório do DRM 2011.

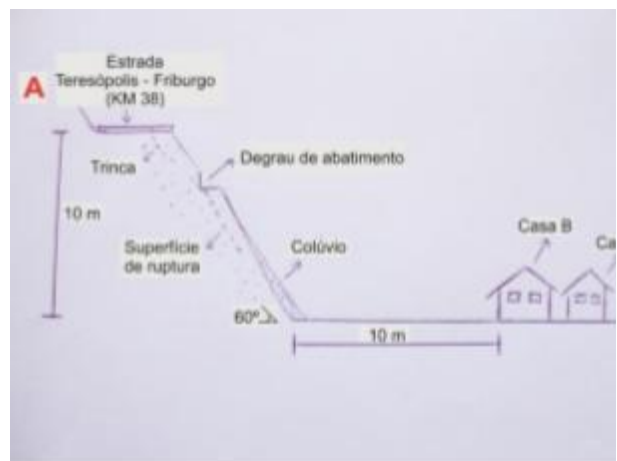


Figura 07: Perfil da Estrada Teresópolis - Friburgo - Km 38 - Serra do Vieira (Próximo ao Mirante). **Fonte:** Relatório do DRM 2011.

3.3. O Evento no Bairro de Vieira

Nessa sessão, pretendemos relacionar as fotografias concedidas pela Defesa Civil de

⁴ Departamento de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro.

Teresópolis com a discussão sobre o evento, com o intuito de trabalhar, ainda que superficialmente, a magnitude do evento; além de mostrar, através de imagens aéreas, a organização espacial do bairro Vieira e proximidades. Vale ressaltar que nem todos acontecimentos foram mapeados ou receberam laudos específicos. As imagens possibilitam compreender a amplitude do raio de ação do evento no Bairro de Vieira, além de auxiliar na compreensão da magnitude do megadesastre.



Figura 08: Sedimentos depositados **Fonte:** Relatório do DRM 2011.

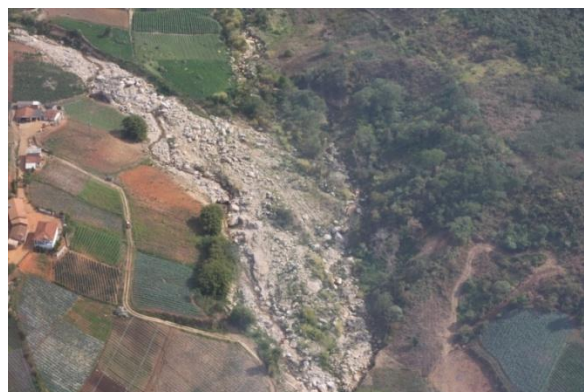


Figura 09: Sedimentos no fundo do vale **Fonte:** Relatório do DRM 2011.



Figura 10: Leito do rio coberto por material depositado.
Fonte : Relatório do DRM 2011.

As fotos fornecidas pela Defesa Civil de Teresópolis possibilitaram visualizar um pouco da dimensão do evento, as fraturas e os sedimentos que ficaram no leito do rio Vieira após o megadesastre. Desta forma, para aprimorar um pouco da visualização do impacto no bairro, selecionamos e inserimos imagens de satélite dos anos anteriores ao megadesastre para

comparar as alterações causadas no bairro.



Figura 11: Localização do Bairro de Vieira no ano de 2004

Fonte: *Google Earth*



Figura 12: Localização do Bairro de Vieira (2010)

Fonte: *Google Earth*

As Figuras 11 e 12, permitem compreender a organização espacial do bairro de Vieira, ainda que sobre uma visão de sobrevôo, e viabiliza a compreensão de como o bairro se constituía antes do evento. Destaca-se seu crescimento ao longo da estrada com residências e serviços diversos, mas nota-se também um crescimento nos vales, marcado majoritariamente pelo cultivo de diversas hortaliças.



Figura 13: Localização do Bairro de Vieira (2011)

Fonte: *Google Earth*



Figura 14: Localização do Bairro de Vieira (2013)

Fonte: *Google Earth*

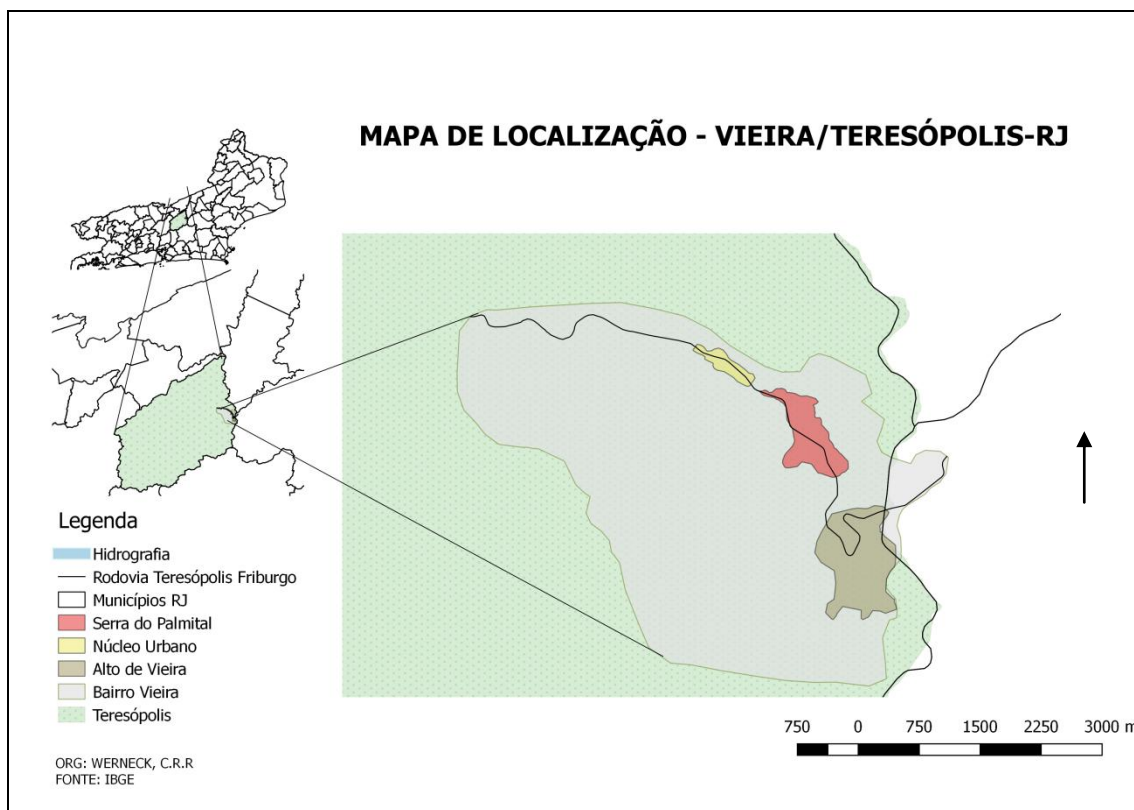
Através dessa sessão comparativa (figuras 11, 12, 13 e 14) é possível comparar e obter informações visuais das áreas mais afetadas do bairro. A partir delas podemos visualizar as alterações espaciais antes e após o megadesastre, principalmente em relação ao uso do solo.

Verificamos, por meio dessas imagens, que as áreas destinadas a produção de hortaliças folhosas, com a descida de blocos rochosos, foram devastadas. As figuras 13 e 14, são uma tentativa de se mostrar, a espacialidade do evento, e como o bairro foi afetado. Ao realizarmos uma comparação entre as figuras anteriores (11,12,13,14) é possível visualizar a dimensão do evento no bairro. Podemos identificar a partir desta breve comparação, inicialmente a alteração na cor da vegetação, o que indica que as áreas antes cobertas por vegetais, estão parcialmente descobertas devido ao evento e os processos correlatos. A provável influência do rio na forma com que o bairro foi afetado, entendendo que sua organização se dá sobre dois eixos principais a estrada e o rio, e este último, ao receber um volume excedente de massa, acabou por impulsionar o impacto social de seu alagamento, associando se ainda a diferentes deslizamentos no perímetro do bairro.

RECORTE ESPACIAL – O BAIRRO VIEIRA

O recorte escolhido para a consecução desse trabalho é o bairro de Vieira (mapa 02), localizado no Distrito de Bonsucesso, no município de Teresópolis.

O bairro está inserido numa região em que predomina a atividade agrícola de folhosas, de caráter familiar, criando verdadeiros mosaicos, justamente pela diversificação da horticultura.



Croqui 02: L Localização do Bairro Vieira no município de Teresópolis (2017)

Fonte : IBGE

ORG: Werneck, C.R.R

O bairro está localizado na Estrada Tere-Fri, conhecida por ser um circuito turístico no topo da serra e abrange duas atividades econômicas – agricultura e turismo rural. Deste modo, o componente visual da paisagem é utilizado para a hotelaria e veraneio, ou seja, a paisagem acaba sendo mercantilizada por atividades turísticas.

Outro elemento importante para mencionar é o fato de o bairro situar a menos de 9 km de uma unidade do Ceasa – região serrana, sendo um entreposto significativo na comercialização de folhosas e leguminosas para a região metropolitana do Rio de Janeiro.

Neste capítulo iremos abordar brevemente a formação do município de Teresópolis no que diz respeito a definição oferecida pelo IBGE e trazer, por meio de relatos com atores locais, o processo de formação histórica do bairro Vieira. Buscamos, em linhas gerais, contemplar as falas dos entrevistados sobre o histórico do bairro e sobre o megadesastre de 2011. Para realizar esse contexto histórico, a pesquisa de campo foi indispensável para a coleta de informações junto aos moradores. Também utilizamos um *blog* de um morador do bairro para a obtenção de dados e informações atinentes ao processo de formação histórica dessa localidade.

4.1. Breve caracterização do Município de Teresópolis

O município de Teresópolis está situado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, cuja área territorial, segundo dados do IBGE (2016), equivale a 770,601 km², composto de população estimada em 174.587, em 2016.

Em 2015, o salário médio mensal era de 2.3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 25.0%.

Em relação a agricultura, segundo o Sidra/IBGE, entre 2010 (período que antecede o megadesastre) e 2016 (última coleta apresentada), teve redução da área colhida de lavouras temporárias e permanentes, ou seja, de 705 hectares (2010) para 393 hectares (2016). Entre as lavouras, há destaque para a produção de hortaliças folhosas, frutas cítricas e flores.

O clima dessa região é classificado como tropical de altitude. Nos municípios que bordejam a serra, como por exemplo, Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, a pluviosidade média anual ultrapassa os 2.500 mm (IBGE).

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia (2010) os registros sobre o município de Teresópolis datam de meados do século XIX, com sua primeira descrição oficial, em 1788, por Baltazar da Silva Lisboa, relatando a presença da serra e da cascata do Imbuí. A partir de 1821 a região começou a ser ocupada, com a instalação da fazenda modelo de George March, dando origem assim a localidade de Santo Antônio do Paquequer. Nesse momento a freguesia caracterizava como um ponto estratégico de repouso.

Segundo o *site CIDADES* do IBGE, o município de Teresópolis data sua origem, como um distrito criado com a denominação de Santo Antônio do Paquequer pela Lei Provincial n.º 829, de 25-10-1855, no município de Magé (IBGE 2014). O distrito foi elevado à categoria de vila com a denominação de Santo Antônio do Paquequer pelo Decreto

Estadual n.º 280, de 06-07-1891 (IBGE 2014).

Foi elevado à condição de cidade e sede municipal, pela Lei Estadual n.º 43, de 31-01-1893 e pelos Decretos Estaduais n.ºs 1, de 08-05-1892 e 1-A, de 03-06-1892, o distrito de Santo Antônio de Paquequer passou a denominar-se Teresópolis (IBGE 2014).

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de -3 distritos: Teresópolis, Paquequer Pequeno (ex-Santa Rita) e Sebastiana. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 1.056, de 31-12-1943, o distrito de Sebastiana passou a denominar-se Nhungaçu. Em divisão territorial datada de I-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Teresópolis, Nhungaçu (ex-Sebastiana) e Paquequer-Pequeno. Assim, permanecendo em divisão territorial datada de 18-VIII-1988. Pela Lei Orgânica de Teresópolis, publicada de 05-04-1990, o distrito de Nhungaçu passou a denominar-se Vale de Bonsucesso e o de Paquequer Pequeno a denominar-se Vale do Paquequer. Em “Síntese” de 31-XII-1994, o município é constituído de 3 distritos: Teresópolis, Vale do Bonsucesso e Vale do Paquequer (IBGE 2014).

4.2 O Bairro Vieira

Para Souza (2013) haveria três possibilidades de abordar os bairros, que seriam - o composicional, o interacional e o simbólico -. Todavia, o composicional estaria ligado a composição do bairro - a morfologia espacial-, o interacional estaria ligado ao campo das interações ou das relações sociais e o simbólico, compreende o espaço percebido e vivido.

No caso do bairro de Vieira a área de agricultura familiar é predominante, além de áreas destinadas ao turismo rural, com destaque as potencialidades paisagísticas.

Assim, justificamos a análise desta porção do espaço, que pode ser vislumbrado a depender da ótica, no sentido geral, o território como projeção espacial do poder, as fronteiras, a malha territorial, e os objetos geográficos materiais, o território como espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, espacialmente delimitadas, operando sobre um substrato referencial. O espaço social é multifacetado e o território é uma de suas faces. Deste modo, o bairro Vieira pode ser compreendido como área geográfica passível de análise. Entendendo aqui o bairro enquanto um espaço dotado de múltiplas práticas, entre elas a agricultura familiar. Como uma unidade geográfica marcada pelo apego, identidade e sentimento de pertencimento, o bairro agrupa diferentes grupos sociais, com destaque aos agricultores familiares.

4.3 A formação de Vieira segundo os moradores

As questões relacionadas às formas históricas de ocupação do bairro de Vieira e o reconhecimento de seu caráter produtivo serão visualizadas, através do trabalho de campo, com as técnicas da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, Souza; Pessôa (2013) ressaltam o uso do diário de campo, da fotografia e das reflexões como importantes instrumentos de pesquisa.

Os autores, em vários casos, apontam que os sujeitos da pesquisa sentem-se mais à vontade em momentos informais de diálogo, troca de informações ou conversas pessoais (SOUZA; PESSÔA, 2013, p. 187). Assim, é possível entender porque alguns dados se mantêm ocultos na pesquisa ou acabam não obtendo resultados satisfatórios, como, por exemplo, a questão da renda, na qual poucos entrevistados sentiram-se confortáveis para responder.

Foi aplicado um questionário semiestruturado junto a 24 famílias, além de relatos gravados com o uso do gravador de áudio⁵ junto aos moradores mais antigos do bairro. Os autores apontam a importância das fotografias e das imagens na composição do trabalho acadêmico. Deste modo,

[...] a imagem ilustra e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem num determinado tempo e lugar e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem num determinado tempo e lugar e deve ser acompanhada de outras informações, como localização geográfica, registro de hora e relato do fato observado (JUSTINIAN *apud* SOUZA; CORREA, 2013, p. 201)

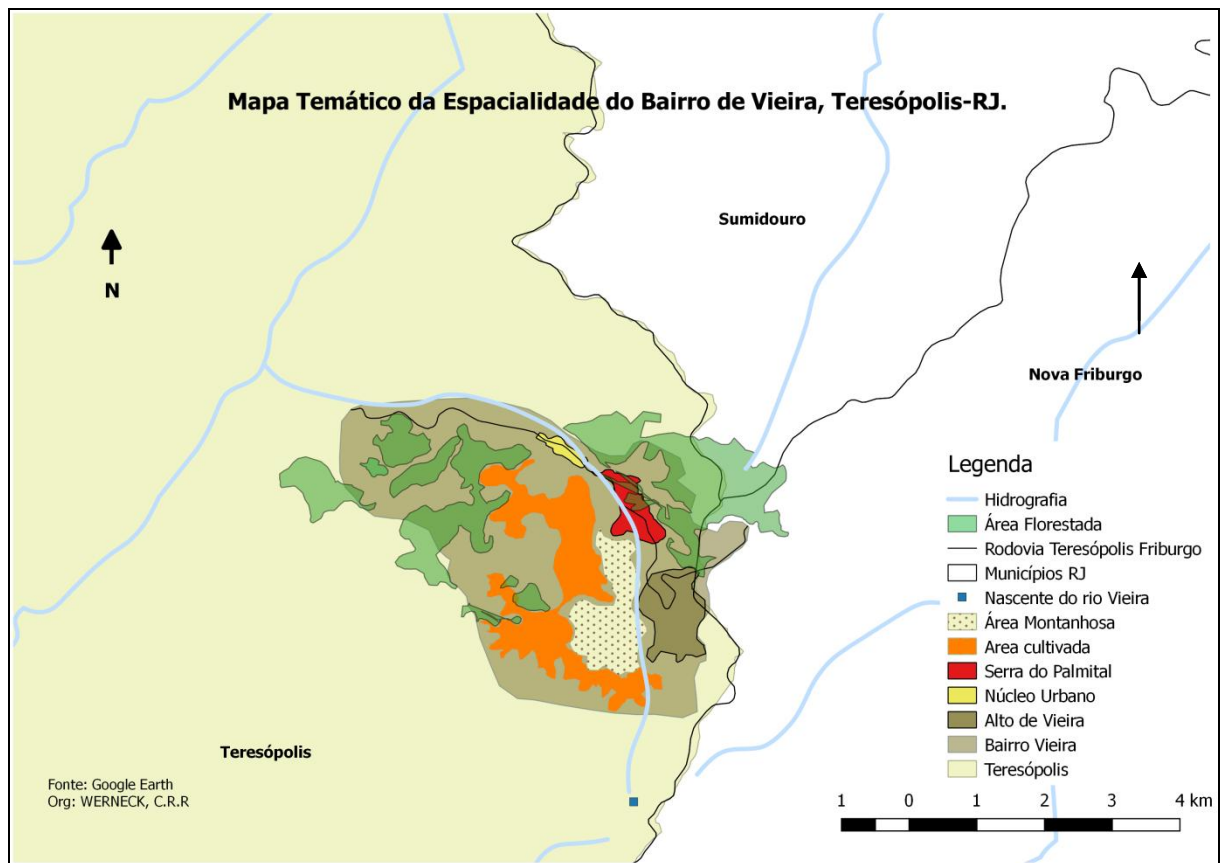
Portanto, para a realização da caracterização do histórico do bairro de Vieira buscamos relatos orais de moradores antigos do bairro e que se dispuseram a trazer elementos para entender o contexto histórico do bairro.

Esta etapa foi importante, justamente por possibilitar a compreensão da organização espacial do bairro. A aplicação dos roteiros e dos questionários envolveu três localidades bem pré-estabelecidas, Vieira (Perímetro Urbano), Serrinha ou Serra do Palmital e Alto de Vieira. A realização da pesquisa de campo permitiu a aproximação junto aos moradores e possibilitou, em linhas gerais, a obtenção de informações sobre o bairro diante do megadesastre.

Na medida em que deslocava pelo bairro, foi possível contatar com moradores buscando coletar o maior número de informações relacionadas ao bairro e sobre o

⁵ Alguns trechos serão transcritos.

megadesastre. Foram realizadas 06 entrevistas com roteiros estruturados e 24 questionários semiestruturados em dois finais de semana no mês de novembro de 2017.



Croqui 03: Mapa Integrado do Bairro Vieira (2017)

Fonte: IBGE

Org: Werneck, C.R.R

Nesta sessão, tentamos trazer imagens que possam apresentar o bairro, a *core* área (foto 15 e 16), os agrupamentos de casas ao longo das vias de acesso (fotos 17 e 18) e as áreas destinadas ao cultivo de hortaliças folhosas. Traremos alguns elementos que constituem o bairro, bem como algumas características dos mesmos, no sentido de entender a configuração do bairro, e como cada área dele atua concretamente em sua organização.



Figura 15: Igreja como componente do núcleo do bairro
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 16: Principal rua da área urbana
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.



Figura 17: Uma via de acesso ao núcleo Urbano de Vieira
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 18: localidade de Serra do Palmital
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

O núcleo urbano de Vieira (Figuras 15,16,17,18) caracteriza-se pela maior densidade de oferta de serviços dentro do bairro, possui marcenarias, barbearia, minimercados, lojas, padarias e restaurantes. Nessa área há o posto de saúde e as ruas são pavimentadas, sendo a área do bairro com maior fluxo de pedestres, serviços e mercadoria. É a partir do núcleo urbano, que se consegue acessar o modal de transporte ônibus, o que viabiliza aos moradores acessarem tanto o município de Teresópolis, quanto Nova Friburgo e Sumidouro. Esta parte do bairro, apresenta uma característica de concentração de serviços que são acessados por outras partes do bairro onde a presença destes serviços é inexistente. Ainda sendo um bairro localizado em uma área rural do município, este trecho do bairro de Vieira é bastante peculiar, pela centralidade que exerce dentro do próprio bairro.



Figura 19: Rio Vieira
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 20: Serra do Palmital
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

A Serra do Palmital ou Serrinha (fotos 19 e 20) caracteriza-se por sua capacidade produtiva, onde é possível visualizar vastas áreas com cultivo de folhosas e leguminosas, em especial salsinha, cebolinha e coentro. Esta parcela do bairro tem um caráter essencialmente produtivo, e uma dinâmica organização produtiva mediada pelo cultivo de hortaliças. É possível encontrar outros cultivos, , indicando maior aparelhamento técnico de algumas propriedades. Essa parte do bairro conecta -se parte alta do bairro, chamado de Alto de Vieira.



Figura 21: Serra do Palmital
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 22: Serra do Palmital
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 23: Alto de Vieira
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 24: Alto de Vieira (2)
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

O Alto de Vieira (fotos 23 e 24) é composto de residências, também possui caráter produtivo, mas tem um diferencial que é o mirante de Vieira (fotos 25 e 26), um elemento que valoriza a paisagem do bairro, se tornando muitas vezes rota de turistas. Após o evento, esta parte do bairro perdeu um pouco sua função de produção, muito pela presença de blocos maciços no solo, que em certa medida inviabiliza o cultivo.



Figura 25: Homenagem as Vítimas no Mirante
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017



Figura 26: Vista do Mirante Vieira (2)
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

Além de caracterizar o bairro, buscamos trazer elementos apontados pelos moradores que possibilitassem a reconstituição e levantamento histórico da área de estudo.

Utilizamos como base um texto intitulado “A pesquisa qualitativa nos estudos do patrimônio cultural em espaços rurais: desafios e possibilidades de Sotratti; Marafon (2013).

Eles ressaltam o papel do trabalho de campo na investigação da geografia agrária, como uma técnica de análise para obter informações sobre a importância das relações espaciais. Nesse sentido, os autores mencionados apontam que o trabalho de campo é um dos instrumentos para entender a realidade tal qual ela se apresenta. Os autores ainda discorrem sobre a importância da investigação e da observação como instrumentos de coleta de dados e de interpretação, além de enfatizarem que as entrevistas possibilitam a aproximação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa (SOTRATTI; MARAFON, 2013).

Nesse sentido, iremos apresentar alguns trechos de falas dos entrevistados, durante a pesquisa de campo, com o fito de enfatizar o bairro Vieira a partir da ótica de seus moradores, buscando construir uma visão que valorize os sujeitos. Sobre o megadesastre, o entrevistado 01⁶ retrata:

“[...]O Retrato, que aconteceu, depois da tragédia foi uma coisa, o bairro melhorou. Quem tinha suas condições de fazer, de renovar sua casa, um comércio, quem fez fez melhor, quem não tinha condições também fez, graças a Deus com a ajuda da população, um ajudando o outro, não teve nada político, nada ganhado, aqui não, um exemplo pelo meu, eu fiquei 4 meses sem trabalhar, só reformando, fazendo as coisas, paguei meus funcionários direitinho, e tinha aquelas pessoas que não tinha condições que era mais humilde essas coisas, quando renovou suas casinha, ficou melhor do que tava, graças a Deus, e o bairro em si todo, só você ver ai, o que que era vieira antes, como ela ficou naquele 11 de janeiro, e como ela é hoje, o bairro melhorou muito mas muito mesmo, graças a Deus, e estamos trabalhando pra cada vez melhorar mais, mas tudo com ajuda da população. Eu mesmo aqui tive prejuízo grande, grande mesmo. Tinha carro, tinha Toyota que não achei.[...]” (Entrevistado 01, Pesquisa de Campo, Vieira, 2017)

Entretanto, o entrevistado continua a comentar sobre a tragédia e seus prejuízos financeiros:

“ [...] Tudo, aqui acabou tudo, eu tinha caminhões de entrega que ficou agarrado aí, Toyota que não acharam, nem achar não achei, automóvel meu de passeio, não achei, automóvel achei, depois de uns 20 dias, ta La no mesmo lugar, seguradora nem pegar não pegou. Então, foi muita dificuldade, muita dificuldade passamos período de três, quatro meses, muito difícil, mas, com a ajuda de todos, tamo trabalhando, com fé em pé.[...]”(Entrevistado 01, Pesquisa de Campo, Vieira 2017)

Contudo, quando perguntado sobre o evento, em específico no momento do acontecimento - na madrugada de 11 de janeiro de 2011 -, o entrevistado aponta que:

⁶ Não vamos expor os nomes dos entrevistados, pois durante aplicação do roteiro de entrevista, asseguramos o sigilo dos dados pessoais.

“[...] O que que acontece, chovia, já tava chovendo a um tempo, minha residência, toda murada, tava chovendo, só que nessa noite, tava chovendo mais forte, chovendo chovendo mais forte, eu lembro, eu na minha casa, acabou a energia, meu garoto era pequeno, ta com quinze anos hoje, então ele era pequeno. Ele acordou no escuro, ele chamou a mãe, ela foi pegar a lanterna e falou, Gelson parece que tem água dentro da garagem, mas minha garagem era murada, como que ta entrando água aí ? .. e eu lembro de botar a bota, e olhei a água na garagem, liguei o carro e falei assim, olha, vamo sair daqui que parece que vai encher d’água, fui lá liguei o carro, tava no escuro, foi eu sair andar um metro pra abrir o portão, meu carro saiu que eu nem vi, deu tempo de pegar eles, ficar em cima do muro, do muro que nois ficamos, eu ela e ele, o muro de uns 10 metros, coisa de Deus, só ficou os quatro metros que agente tava, o resto foi embora tudo, carro.. Pra vc ver, imagina, sem luz, vc ouvia passar gente gritando, era carro, era animais, tanto passava pelo rio quanto passava pela pista aqui. Tudo encheu d’água, quer dizer não encheu, veio tipo aquela onda, Lá de cima, quando passou carregou tudo, o que tinha aqui levou tudo. Não foi o rio que foi enchendo, se fosse dava tempo de fazer alguma coisa. Muitos morreram, porque.. ah as estimativas de Teresópolis morreu tanto, aqui, só aqui morreu umas 60 pessoas, só aqui, no bairro, carro ficou uns 8 10 carros que nem achar não acharam. Mas o bairro é show de bola, tamo trabalhando, aí, tentando fazer melhorar[...]” (Entrevistado 01, Pesquisa de Campo, Vieira, 2017)

Entretanto, outro morador de bairro forneceu algumas imagens fotográficas, porém não quis realizar entrevistas ou responder o questionário. As imagens fornecidas possibilitam compreender, ao menos sobre o ponto de vista deste entrevistado, as mudanças ocasionadas pelo evento. Deste modo, iremos trazer imagens que revelam como sua residência era antes do evento e como ficou após o evento (fotos 27 e 28).



Figura 27: Fachada do Bar do Entrevistado antes do Evento

Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado - Pesquisa de Campo, 2017

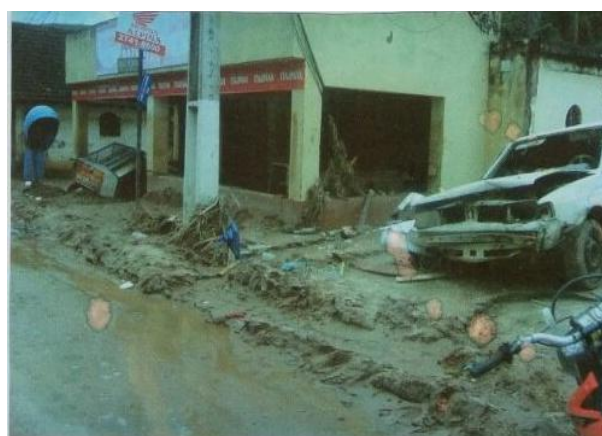


Figura 28: Fachada do Bar do Entrevistado após o Evento

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017 (Acervo Pessoal do Entrevistado)

As imagens mostram a frente do bar (fotos 27 e 28), antes e após o megadesastre, com a presença de detritos carregados, muita lama e um automóvel totalmente destruído. Segundo este entrevistado, o megadesastre aconteceu de maneira extremamente rápida, carregando grande quantidade de lama e detritos para a parte mais baixa do bairro (fotos 29 e 30).



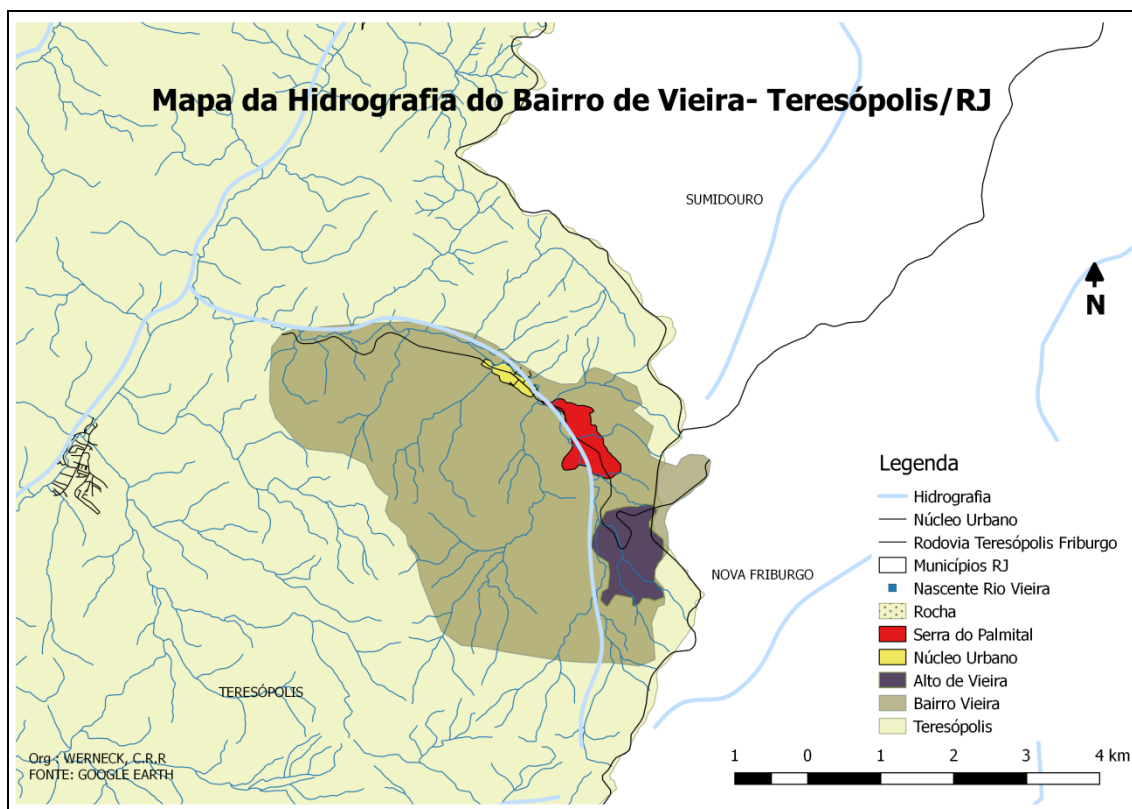
Figura 29: Residência nos fundos do Bar, depois do Evento
fonte: Pesquisa de Campo, 2017 (Acervo Pessoal do Entrevistado)



Figura 30: Área externa entre a casa e o bar
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017 (Acervo Pessoal do Entrevistado)

Visando retratar um pouco mais sobre a construção do bairro e dimensionar o poder de destruição do evento, produzimos um croqui que aponta a hidrografia do bairro de Vieira e demonstra a interação do rio em múltiplas partes habitadas do Bairro. Este Croqui, viabiliza a compreensão da influência do rio Vieira que possui nascente no bairro, e em qual medida pode ou não ter influenciado na dimensão do evento.

A notável presença de pequenos córregos na bacia do rio Vieira, mostra que é preciso se pensar em formas, que viabilizem uma organização espacial que associe os elementos naturais de forma efetiva ao planejamento e a gestão do espaço. No entanto, entendemos como essencial apresentar algumas perspectivas históricas sobre o processo de ocupação, a partir do relato dos próprios moradores, para se pensar o futuro.



Croqui 04: Mapa da Hidrografia do Bairro Vieira

Fonte: IBGE

ORG: Werneck, C.R.R.

Nesse trecho, buscamos, a partir de relatos de moradores locais, compreender como ocorreu o processo histórico de ocupação do bairro de Vieira. O segundo entrevistado aponta as características da formação do bairro de Vieira:

“[...] O bairro, de vieira, esse bairro de vieira nasceu, segundo o pessoal antigo, nasceu.. no passado, muitos anos atrás, os tropeiros , a tropa de burros, carregava açúcar, sal e querosene pra Friburgo, o dono da tropa, se chamava Vieira, e aqui era o lugar dele parar, então o pessoal, quando comprava trocava muitas coisas, que por exemplo, quem tinha um porco, ia ali trocava por sabão, quem tinha um milho trocava por um feijão, então o nome do homem era só VIEIRA, então o pessoal falava vamo lá em Sr vieira, o bairro nasceu, por causa desse tropeiro que parava aqui com a tropa de burros, a 100 anos atrás por aí, mais de cem anos. Então quer dizer, o bairro de vieira nasceu por causa desse tropeiro que ligava uma cidade a outra e parava aqui pra descansar a tropa de burros, assim nasceu Vieira [...]” (Entrevistado 02, Pesquisa de Campo, Vieira, 2017)

O entrevistado contribui ainda para auxiliar na compreensão da reconstrução do bairro no período pós-evento:

“[...] ai foi um bairro que foi muito castigado em 2011, dia 11 de janeiro de 2011, esse bairro de vieira ai praticamente acabou, coisa da natureza, ai aos poucos os moradores aqui, quase todo mundo é proprietário, e foi refazendo, refazendo, refazendo, hoje, vieira hoje é um dos bairros mais bonitos do interior, você pode notar que é super limpo, e foi uma pena ter sido a tragédia com vítima, porque temos muitos amigos, mas pra vieira, foi melhor, o bairro ficou mais bonito, ficou mais organizado depois da tragédia, mas através de moradores, não teve ajuda de ninguém não. Garra mesmo nossa que o pessoal se juntou e refez o bairro. [...]” (Entrevistado 02, Pesquisa de Campo, Vieira, 2017)

O entrevistado revela a importância do hotel San Moritz na formação do bairro Vieira:

“ [...] O hotel quando foi ser construído, sempre foi hotel, não era fazenda muitas pessoas acham que era fazenda. Mas não, o hotel foi construído em 1940 e foi inaugurado em 1944, tava terminando a guerra mundial, quando foi inaugurado o hotel, foi inaugurado dia 8 de janeiro de 44, quando inaugurou só tinha o prediozinho principal aqui que era o hotel e o restante foi aumentando depois. Essa família agora é dona do hotel San Moritz a 58 anos, quem construiu quem fundou o hotel, foi um casal de Suíços, Sr Artur, mas hoje ele é falecido e essa família veio a comprar o hotel dele, já tá com essa família 58 anos. Fundado por suíços, quem construiu o San moritz foi um casal de suíços, muitos anos atrás, o San moritz vive de hotel, não tem outra fonte de renda, não é uma fazenda que criasse gado, o hotel vive só de hospedagem. Hoje nós temos 60 funcionários, já tivemos 80 mas hoje tá com 60. Tem 40 alqueires, tudo que você ver aqui de mata pertence ao hotel.[...]”(Entrevistado 02, Pesquisa de Campo, Vieira, 2017)

4.4 A visão dos moradores sobre o Evento

Neste tópico, pretendemos coletar elementos que ajudassem a entender o evento, a partir de colaboração dos entrevistados. Deste modo serão transcritas as falas dos entrevistados que se dispuseram a responder a esse tópico. O primeiro entrevistado, cuja identidade será preservada, iremos identificar com suas iniciais, 'F.A', seu relato aponta que:

“Pessoalmente não foi afetada, mas vários conhecidos perderam bens materiais”. Outro entrevistado identificado com 'G.M.A' coloca que “sofreu uma perda familiar referente ao falecimento de seu primo, além de enchente e rachaduras em sua residência”.

Já outro entrevistado 'M' afirma que “Perdeu o bar, e a casa. Foi muito triste, morreu muitos amigos e conhecidos, muitos não foram nem encontrados”. Outro relato coletado é o de 'J.F.F' coloca que

“Perdeu uma mercearia carregada pelos dejetos, foi dormir e não tinha mais nada no seu terreno, somente sua casa. Toda a reconstrução da sua casa, e do

bairro foi através de organização entre os próprios moradores do bairro, sem ajuda do governo”.

Nesse sentido, o relato de ‘J.G’ auxilia a entender a expressão do fenômeno no bairro:

“O bairro acabou. Meu sogro se hospedou na minha casa porque a casa dele foi completamente destruída”. Já ‘S.A’ um ex comerciante da área, coloca que ; “perdeu a casa, três carros, cinquenta caixas de cerveja, vinte e cinco botijões de gás (...) a altura da água chegou a mais ou menos 1,80m”.

Neste tópico, buscamos trazer os elementos simbólicos que apareceram no relatório, trazidos pelos entrevistados .O entrevistado ‘L’ disse que “ além de perder a casa, perdeu quatro primos, além do falecimento de vários vizinhos.” O entrevistado ‘V’, revela que “houveram perdas materiais, equipamentos da lavoura foram carregados, levou os tubos, as bombas e as enxadas.” Para ‘L’, o evento propiciou a perda de equipamentos, além do solo ter demorado para se recuperar. Para G.M.A, o evento foi dramático pois ele perdeu alguns familiares.

O megadesastre atingiu os moradores de diferentes formas, alguns mais, outros menos, para ‘E.S’, “ a tragédia foi muito triste, eu mesma perdi onze (familiares) foram dez só em uma casa, e um tio perto de mim, muito triste mesmo”. O entrevistado ‘M.H’ afirmou que sofreu danos materiais em sua propriedade. Para ‘B.P’, ‘Vieira acabou! Parecia uma guerra, tinha muita destruição, acabou tudo’. ‘J.C’ relata que ele percebeu que ‘houve a destruição de uma cascatinha que existia no bairro, carregou um monte de casa, e o campo de futebol foi destruído’.

Todavia, ‘R.F’ diz que ‘ não fui diretamente afetado, mas vi a destruição do bairro’. O entrevistado ‘R.A.S’ aponta que , “a família da esposa teve perdas materiais e familiares”. Já ‘L’ coloca que ‘ sem o auxílio da prefeitura, o povo reconstruiu o bairro’.

O entrevistado ‘J’, quando perguntado sobre o evento coloca que “ só tenho a agradecer, a tragédia foi feia, só lembro do barulho forte na hora e o bairro destruído de dia”. Todavia o entrevistado coloca que a tragédia fez ele perder familiares, colocando; ‘ só da minha família eu perdi sete, foram cunhada, primo e cinco sobrinhos’.

Contudo, as informações coletadas através dos entrevistados revelaram elementos importantes para compreender a história do bairro de Vieira e sua formação, porém apresentou arestas que procuraram ser aparadas e lacunas que buscamos revelar a respeito da formação deste bairro.

Deste modo, a busca por documentos históricos e fontes bibliográficas encontrou uma grande barreira, tivemos uma dificuldade de encontrar estudos sobre a localidade de Vieira,

além de uma barreira em encontrar fotografias antigas sobre o bairro, já que muitos moradores perderam muitos objetos na tragédia, entre eles elementos que possibilitariam contar a história do bairro, por isso as entrevistas orais foram coletadas por sujeitos indicados por outros moradores.

Ao buscarmos por esses elementos históricos deparamos com um *blog* denominado “História de Vieira”, que traz a questão da formação histórica do bairro:

“Nos anos de 1830 ou 1835, morava um caboclo de sobrenome Vieira que fazia tratamentos com ervas medicinais para pessoas doentes. Então quando tinha alguém enfermo, dizia-se: “Vamos lá no Vieira que ele cura!” E esse nome foi se rotulando nesse local.” (QUEIROZ, 2013)⁷

Sobre a extensão do bairro de Vieira, o autor aponta que:

“O distrito de Vieira começa na Ponte da Formiga seguindo em direção ao Alto do Felício Pinto, como era chamado, hoje Alto de Vieira, na divisa de Teresópolis com Nova Friburgo. Numa extensão de nove a doze quilômetros mais ou menos. Ao norte fazendo rumo com Sumidouro, Fazenda São Bento; ao sul Boa Vida e Bonsucesso; ao leste fazendo divisa com Nova Friburgo; e ao oeste fazendo divisa com Santa Rosa e Mottas; englobando aproximadamente mais de mil alqueires de terra.” (QUEIROZ, 2013)

Atualmente, o bairro de Vieira está subdividido em Vieira (Perímetro Urbano), Serra do Palmital e Alto de Vieira. A respeito do histórico da ocupação, o blog traz elementos interessantes sobre os primeiros proprietários e sobre os primeiros processos de aquisição de terras e organização espacial do bairro:

“[...] Um dos primeiros proprietários dessa vasta área de terra, chamava-se, segundo contaram, Jacinto Garcia de Queiroz, que recebeu uma concessão de terra extraída de uma sesmaria autorizada por João Luís Siqueira de Queiroz, senhor com autoridade do Império para que pudesse promover, desbravar, colonizar e desenvolver essa região inóspita e um pouco selvagem. Onde promovia o desenvolvimento dessa região com sede na Fazenda Vista Alegre. Esse senhor, Garcia de Queiroz, ao receber essa concessão veio a construir moradia nos arredores de terras de herdeiros de Antônio Custódio, ao norte do Rio Formiga distanciada da margem mais ou menos trezentos metros. O desmatamento teve início nos arredores de sua residência descendo na vazão do Rio Formiga até no restaurante Linguíça do Padre. Seguindo a leste, nas margens do Rio Formiga, em sentido à nascente, acima do hotel São Moritz, ultrapassando um pouco a Praça Cruzeiro. Ao decorrer dos anos, ao serem divididas seguiram em outros ramais como Rua dos Ipês, hoje Imperial, também Rua dos Canudos, seguindo em direção a São Bento. Em

⁷ Não há paginação nas citações, pois os trechos foram extraídos do blog elaborado por um morador do bairro Vieira.

sentido oeste, também Calado e Serra do Palmital, etc. [...]”(QUEIROZ, 2013)

Entretanto, o autor avança na contextualização das primeiras divisões de terra do bairro de Vieira e a origens dos primeiros bairros ao redor:

“(…)Lá pelos anos de 1870, Vieira foi dividida para cinco herdeiros, entre os quais: Modesto Garcia de Queiroz, Manoel Garcia de Queiroz, Antônio Garcia de Queiroz e duas irmãs que venderam seus direitos e foram se estabelecer na região de Nova Friburgo, na cidade e regiões de Bom Jardim, segundo contam.

Ficando três da família no local, a Fazenda Vieira ficou para Modesto Garcia de Queiroz; Manoel Garcia de Queiroz, Fazenda Sertão; e Antônio Garcia de Queiroz, Fazenda Palmital. E as duas partes que foram transferidas para terceiros ficaram no sentido abaixo do restaurante Linguíça do Padre até na Ponte da Formiga, seguindo na estrada da buracada, em direção a São Bento fazendo vertente com Independente de Mottas.(…)” (QUEIROZ, 2013)

O autor apreende sobre a história dos moradores e como essas famílias influenciaram na constituição do bairro:

“(…)Falando um pouco das origens dessas pessoas desbravadoras, esse primeiro senhor que adquiriu essas terras é de origem portuguesa e espanhola. Trouxe consigo diversos escravos e famílias tradicionais hoje no nosso local de sobrenome Francisco do Canto, Dias e Rosa. Pessoas com habilidades construtivas e também cultura de ensinamentos como professores. Um dos primeiros da família Canto a se estabelecer nessa região foi o pai de Marcelino Francisco do Canto; onde deixou muitos descendentes que entre as famílias Garcia e Canto tiveram diversos enlaces matrimônias. A segunda família tradicional que veio a se estabelecer em Vieira e nas redondezas, lá pelos anos de 1870, foi a Silva da Cunha. Vindo mais da região de Nova Friburgo, de terras frias do Campo do Coelho, como era chamado; que englobavam Fazenda Mendes da Veiga, Barracão dos Mendes, Salina, São Lourenço e etc.(…)”

[...]

“(…)Pelos anos de 1890, mais ou menos, vem se estabelecer em Vieira a família de origem portuguesa, Custódio Corrêa. Dessa época em diante, diversas outras famílias de origem italiana, alemã, suíça, portuguesa, espanhola, etc., foram adquirindo seu pedaço de terra nessa região. Na data de 1875, aproximadamente, na região de Bonsucesso e Vieira, estabelecesse a família Gallo, Baptista Granito, Dallia, de origem italiana. São grandes os descendentes de todas as nacionalidades: Antunes Nogueira, Araújo, Magalhães, Macedo, Cândido, Pereira, Rocha, Oliveira e diversas outras. Ao findar a primeira metade do século dezenove foi criado um decreto nº 1270, de 28 de dezembro de 1862, assinado pelo desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Belo, fidalgo e presidente da província do Rio de Janeiro, criando a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão da Sebastiana, no atual local de Venda Nova, pertencendo à Nova Friburgo. Terras de Sebastiana passou a pertencer á Teresópolis em 17/12/1901, assinado o decreto pelo governador Quintino Bocaiúva. Terras de Sebastiana englobava

diversas localidades, entre as quais: Vieira, Bonsucesso, entre outras cercanias(...)" (QUEIROZ, 2013)

Nesse ponto do texto, o autor começa a retratar a organização comercial do bairro de Vieira, que se assemelham aos relatos do Entrevistado 02:

"(...) A partir de 1910 em diante começou a surgir pequeno comércio em Vieira, através de transportes em tropas de burros. Um dos primeiros comércios em Vieira foi do José Corrêa Leitão, português que veio a se casar com a viúva de Modesto Garcia de Queiroz. Iniciou estabelecimento em Vieira onde transferido para seu sobrinho no futuro por volta de 1917, Antônio Custódio. Também existiu nos arredores do cemitério de Vieira o comércio de Joaquim da Silva Cunha. Esse terreno do cemitério que foi doado pelo mesmo para tal necessidade. José Corrêa Leitão, ao chegar em Vieira, sua atividade foi exclusivamente na agricultura, no plantio de marmelo, batata inglesa, feijão, milho e etc. Culturas, também, de subsistência e pequenas criações de gado e vacas leiteiras. Também animais de sela entre os quais o cruzamento de jumento com égua. José Corrêa Leitão, ao fazer uma viagem a Portugal, trouxe o jovem Antônio e duas irmãs, Conceição e Amélia, onde no momento ficaram na cidade do Rio de Janeiro. Chegando aqui no Rio de Janeiro, Antônio Custódio veio visitar a fazenda de seu tio José Corrêa, onde encontrou sua prima Petronílea, então começou o namoro; que no futuro se concretizou em matrimônio. Nessa época de 1917 em diante, veio assumir uma parte da fazenda do seu tio, onde também construiu o primeiro comércio em geral, usando o transporte através de animais_ tropas de burros. Entre as viagens para abastecer seu comércio viajavam para Sumidouro, Nova Friburgo ou à cidade de Teresópolis. Um dos grandes incentivadores foi o José Francisco Lippi, italiano, de Venda Nova, onde era um grande comerciante que vendia muitos excedentes de mercadorias para Antônio Custódio. Daí em diante, nas décadas de 1920 e adiante, foi prosperando o seu comércio e fazendo o lugar crescer também. Vendendo de tudo um pouco, dando crédito para aquela comunidade que até então não tinha acesso a certas mercadorias. Esse comércio tornou-se e foi vigoroso até 1966, época em que foi transferido para terceiros (...)" (QUEIROZ,2013)

Nesse sentido, o autor do blog aborda o Hotel San Moritz e a relação desse empreendimento para a constituição do bairro:

"(...)Então podemos concluir que um dos marcos iniciais desse distrito de Vieira foi o português Antônio Custódio, que influíra no desenvolvimento da região. Tivemos Vieira antes do Hotel São Moritz quando se falava: "Vamos passar na localidade daquela fazenda Vieira." E depois, 1944, ao ser concluído o hotel, falava-se assim: "Vamos passar lá em Vieira onde tem aquele majestoso Hotel São Moritz(...)" (QUEIROZ, 2013)

O autor aponta que existiu uma figura de grande importância na organização e na administração do Bairro Vieira, a figura de Antônio Custódio:

“(...) Contando um pouco sobre o Antônio Custódio, na época da Segunda Guerra Mundial, as dificuldades eram imensas em todo o país; não havia trabalho para o sustento de muitas famílias, esse senhor com a sua hábil administração, promovia frentes de trabalho para abrir estradas vicinais no intuito de chegar as demais localidades: Boa Vida, Fazenda São Bento, Estrada da Buracada... E com isso ajudava na subsistência de famílias carentes(...)” (QUEIROZ, 2013)

Deste modo, a respeito do processo de ocupação do bairro é possível compreender alguns fatores: a rota de comércio entre os municípios de Nova Friburgo, Teresópolis ou Sumidouro, a recente influência do setor hoteleiro-turístico e a valorização da diversificação produtiva com a agricultura familiar. Tudo isso nos leva a pensar que o bairro possui uma organização socioeconômica distinta, pois é composta desde atividade agrícola até comércio e turismo.

Ao identificar esta dinamicidade de bairro, julgamos pertinente um aprofundamento nas questões que realmente viabilizam a compreensão do bairro. Neste sentido, buscamos através de trabalhos de campo, apresentar as estratégias econômicas no bairro, bem como algumas características que definem minimamente como se dá a organização seja da produção, seja a organização social.

ESTRATÉGIAS ECONÔMICAS NO BAIRRO VIEIRA

5.1. Caracterização geral

A metodologia adotada para realização deste trabalho foi aplicação de questionários semiestruturados junto a 24 agricultores. A aplicação foi realizada em três pontos do Bairro de Vieira - o Núcleo, chamado Vieira; sua localidade intermediária conhecida como Serrinha ou Serra do Palmital e sua parte mais alta conhecida como Alto de Vieira -.

Nesse sentido, elaboramos um questionário semiestruturado que absorvesse os diferentes aspectos referentes às estratégias de reprodução dos moradores do Bairro de Vieira. Foram tratados os seguintes elementos: *Caracterização Geral do Entrevistado, Estrutura Fundiária, Estrutura Produtiva e mudanças após o evento.*

O primeiro quadro do questionário refere-se à caracterização geral dos entrevistados. Os itens foram: nome, idade, tamanho da família, escolaridade, o tempo de moradia e o modo de aquisição da propriedade. Em virtude do comitê de ética e do acordo com os entrevistados, não iremos identificar ou explicitar o nome dos entrevistados. Portanto, os resultados obtidos, com os questionários possibilitaram caracterizar e identificar as estratégias de reprodução econômica e social dos agricultores.

Nossa primeira abordagem será sobre a faixa etária dos entrevistados, para tanto construímos o gráfico 01 com os dados.

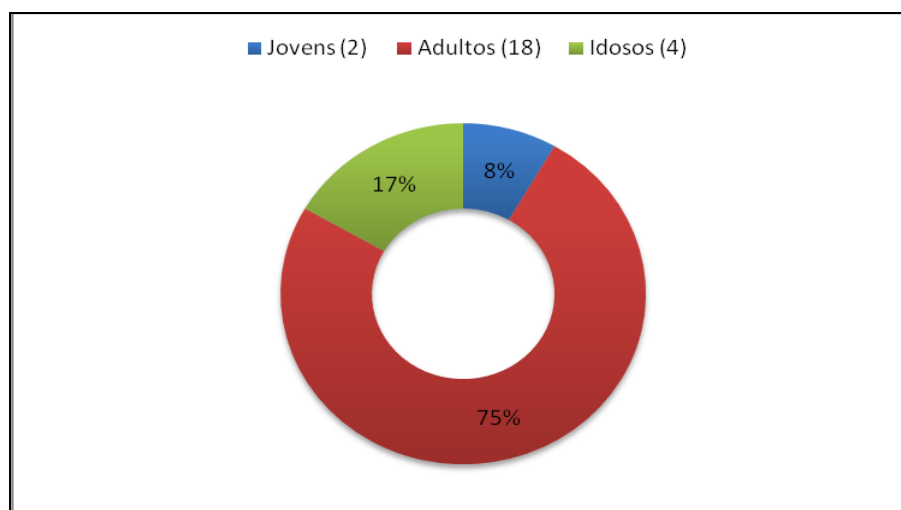


Gráfico 1 : Faixa Etária dos entrevistados do Bairro Vieira/Teresópolis
Org.: WERNECK, C.R.R Fonte: Pesquisa de Campo (out/2017)

O gráfico 01 mostra que do total de vinte e quatro entrevistados, dois foram identificados como jovens (entre 18 e 29 anos), dezoito entrevistados foram caracterizados

como adultos (entre 30 e 59 anos) e quatro como idosos (acima de 60 anos). Desta forma, os adultos correspondem a 75% dos entrevistados, apontando que majoritariamente o bairro é constituído, hoje em dia, por adultos em idade ativa. Os idosos que representam 17% dos entrevistados, o que equivale a quatro entrevistados, representando sua importância no bairro e na gestão e transmissão de conhecimento aos mais jovens, estes que representam 8% dos entrevistados, totalizando um total de dois respondentes.

Sobre a caracterização da estrutura familiar do bairro de Vieira, foram elaborados a tabela 01 e gráfico 02.

Tabela 01: Tamanho das Famílias dos Entrevistados do Bairro Vieira/Teresópolis

Número de Famílias	Nº de Membros	%
1	1	4,18%
2	8	33,33%
3	3	15,50%
4	5	20,85%
5	1	4,18%
6	4	16,8%
7	0	0,00%
8	1	4,18
Total:	24	100%

Org.: WERNECK, C.R.R

Fonte: Pesquisa de Campo

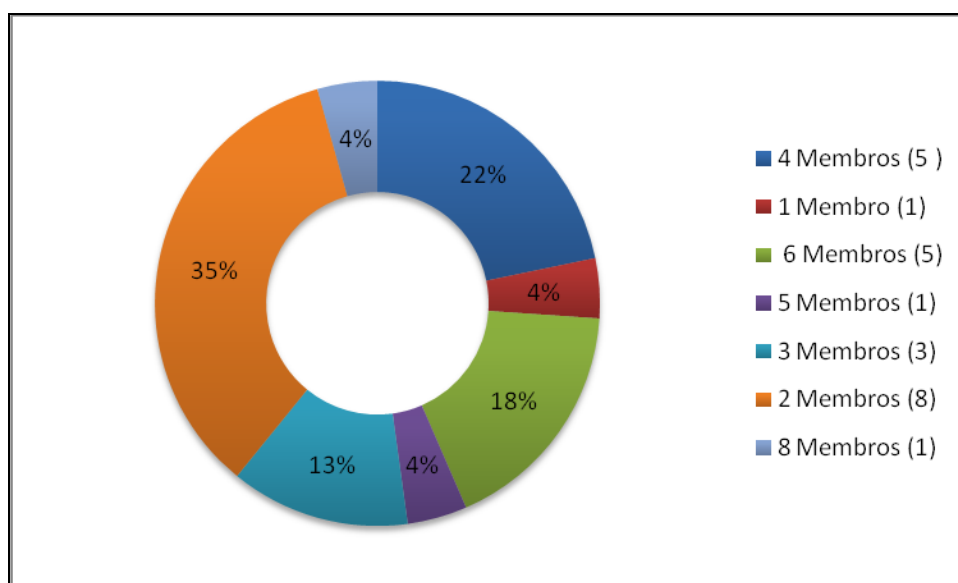


Gráfico 2 : Tamanho da Família dos Entrevistados do bairro Vieira/Teresópolis

Org.: WERNECK, C.R.R

Fonte: Pesquisa de Campo

Deste modo, as famílias com 2 membros representam 35% dos entrevistados, representados por 8 famílias e 5 famílias com 4 membros, representando 22% dos

entrevistados. As famílias compostas por 6 membros ocupam 18% da amostra, sendo um total de 5 famílias, já a família composta por 3 membros, ocupa 13% da amostra, composta de 3 famílias, já as famílias compostas de 1, 5 e 8 membros, ocupam 4% da amostra com uma família cada, respectivamente.

Neste sentido, esses dados fornecem elementos para entender o tamanho das famílias do bairro de Vieira e mostram como algo essencial para a reprodução social dos agricultores familiares.

O terceiro tópico abordado referente à caracterização geral do entrevistado, refere-se ao nível de escolaridade, com base na tabela 02 e gráfico 03. A pesquisa demonstrou que nem sempre um baixo nível de escolaridade representa um baixo nível produtivo ou técnico, pois a valorização dos saberes e a transmissão desses saberes entre os agricultores acabam sendo uma forma estratégia de reprodução.

Tabela 02: Nível de escolaridade dos Entrevistados

	Nº	%
Sem Escolaridade	02	8%
Ensino Fundamental	13	54%
Ensino Médio	09	38%
Total	24	100%

Org.: WERNECK, C.R.R
 Fonte: Pesquisa de Campo

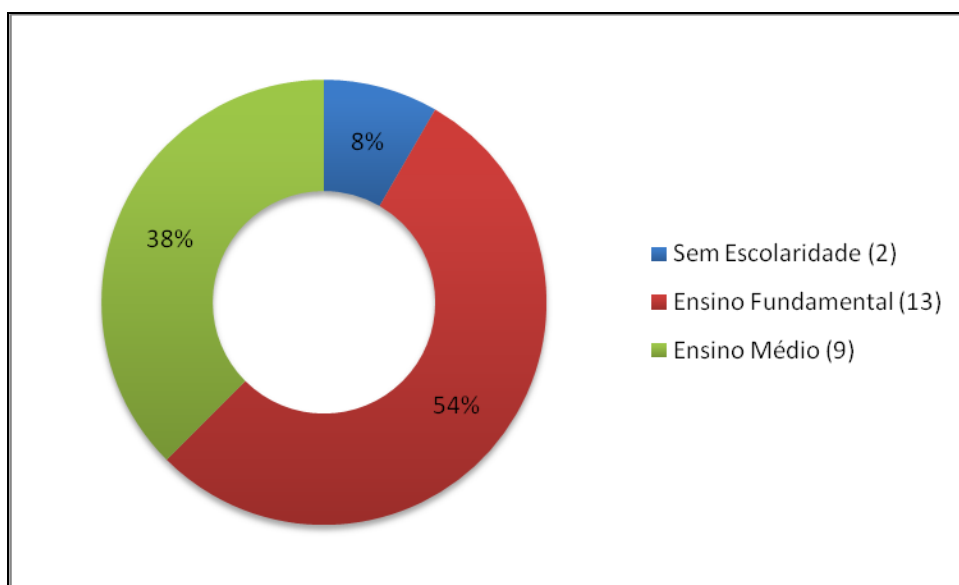


Gráfico 2 : Nível de Escolaridade dos entrevistados no bairro Vieira/Teresópolis

Org.: WERNECK, C.R.R
 Fonte: Pesquisa de Campo

Constatamos, a partir da tabela 02 e do gráfico 03, que, entre os entrevistados, 54% do total, ou seja 13 entrevistados, possuem ensino fundamental ou pararam de estudar nessa faixa

de escolaridade. Além disso, 38% dos entrevistados, ou seja, 9 entrevistados possuem o ensino médio ou interromperam seus estudos nesse nível. Tiveram respondentes que afirmaram que não possuem escolaridade, totalizando 2 entrevistados (8%).

Entretanto, entendemos, neste trabalho, que é essencial compreender as múltiplas relações dos moradores locais com o bairro. Sendo assim, foi realizada uma caracterização da forma de aquisição da propriedade, a fim de entender como se davam as relações e o uso da terra no bairro. Do total de entrevistados, 11 afirmaram que sua propriedade foi adquirida através de herança, 10 entrevistados adquiriram a propriedade através de compra e 3 entrevistados vivem de aluguel.

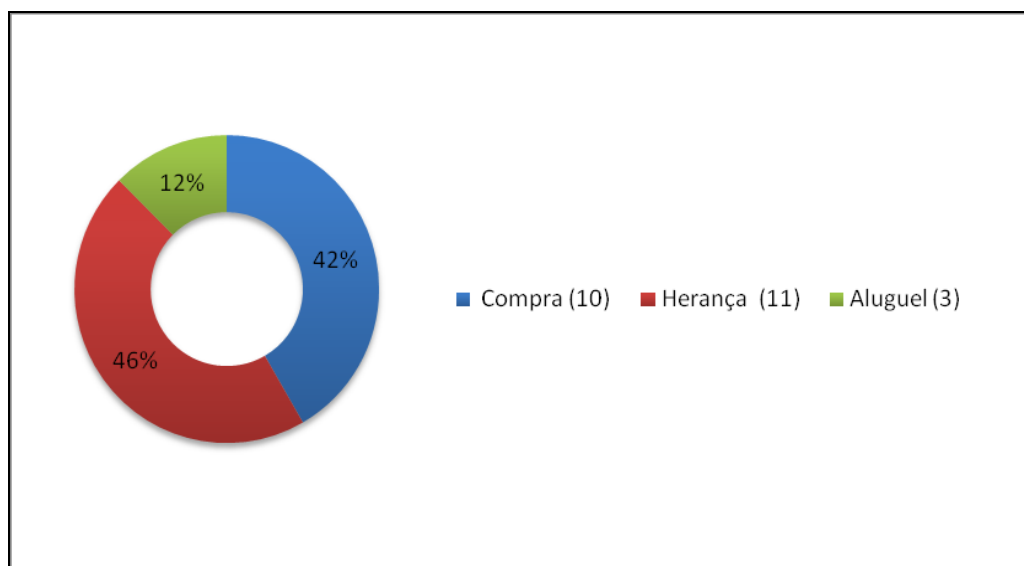


GRÁFICO 3 : Modo de aquisição da propriedade
Org.: WERNECK, C.R.R
Fonte: Pesquisa de Campo (out/2017)

Estes dados expressos no gráfico 04 possibilitam compreender como se dá a dinâmica de habitação no bairro. Demonstrando que a maior parte dos entrevistados possui terrenos herdados por seus antepassados, reforçando a identidade e a relação com o bairro, valorando a multiplicidade e o sentimento de pertencimento.

Sobre a estrutura fundiária do bairro de Vieira, foram estruturados três pontos para obtenção de dados. O primeiro ponto refere-se ao tamanho da propriedade dos entrevistados expressos na tabela 03.

Tabela 03: Tamanho da propriedade dos Entrevistados

	N	%
Menos de 1hectare	7	29,20%
1-2 ha	1	4,20%
2-5 há	3	12,50%
Acima de 5 ha	2	8,35%
Não Opinaram	11	45,85%
Total	24	100%

Org: WERNECK, C.R.R

Fonte: Pesquisa de Campo

A partir da tabela 03, constatamos que a maior parte dos entrevistados tem uma área de menos de 01 hectare, sinalizando 29,20% do total. É significativo o percentual de entrevistados que não opinaram, ou seja, 45,85 não mencionaram o tamanho das propriedades. Como a produção é majoritariamente de hortaliças folhosas, a estrutura fundiária não abarca propriedades com grandes extensões de terra. É importante mencionar que do total de entrevistados, 20,85% arrenda terra para o cultivo de hortaliças e 79,15% não arrendam.

5.2. Estrutura produtiva e renda

A respeito da estrutura produtiva do bairro de Vieira, foram introduzidos os seguintes tópicos: O que produz? ; Área da produção antes e depois do evento; técnicas produtivas utilizadas, buscando realizar a caracterização produtiva da localidade. O caráter produtivo do bairro se destaca pela produção de hortaliças, em especial ‘cebolinha’, porém apresenta também a produção de temperos frescos, como coentro, salsa, além de hortaliças não folhosas - como brócolis e couve-flor e outras olerícolas.

Tabela 04: tamanho da área destinada para Produção

	N	%
Menos de 1hectare	5	20,85%
1-2 ha	5	20,85%
2-5 há	3	12,50%
Acima de 5ha	2	8,35
Não Opinaram	9	37,50
Total	24	100%

Org: WERNECK, C.R.R

Fonte: Pesquisa de Campo

Como terceiro tópico, buscamos identificar a produção antes e depois do evento. Dentre os entrevistados, apareceram três características que marcam a estruturação produtiva

local. Apareceram entrevistados que apontaram que o tipo de produção se manteve antes e depois da tragédia; outros entrevistados apontaram que alteraram o tipo de cultivo. E um terceiro grupo que não cultivava antes de 2011 e atualmente se dedica a atividade agrícola.

Em relação as técnicas utilizadas na produção, constatamos que eles realizam o plantio direto no solo, utilização de ferramentas e instrumentos básicos de plantio. Mas é expressivo o uso de estufas automatizadas.

Quando perguntado a respeito da renda, alguns entrevistados não quiseram responder, totalizando 50% da amostra, ou seja, 12 entre do total de 24 entrevistados. Entretanto, entre os respondentes, 01 entrevistado respondeu que recebe mensalmente R\$ 800,00 e 11 respondentes que mencionaram que a renda variava entre R\$ 1.000,00 e R\$ 4.000,00. A variação da renda está atrelada ao tipo de técnica empregada na produção agrícola cultivos, possibilitando visualizar a dinamicidade econômica do bairro com outros lugares. Constatamos que a dinâmica de rotatividade de produtos agrícola é significativa, pois esse bairro se insere na produção e abastecimento de hortaliças da região serrana.

Estes dados coletados viabilizam a compreensão de como a organização espacial do bairro de Vieira se dá a partir de diferentes elementos. Buscamos entender a organização das famílias, seu nível de escolaridade, e como isso se associa as diferentes propriedades e as áreas destinadas a produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas espaciais, a agricultura e o evento como o megadesastre possuem o caráter de moldar os espaços com os quais estabelecem relações. O bairro de Vieira caracteriza-se por sua inserção em uma região cujo caráter produtivo especializado em hortaliças folhosas e também na atividade hoteleira-turística, priorizando e viabilizando a inserção destes espaços tanto no setor produtivo agrícola como no setor de serviços. O agricultores, estão integrados a um setor de produção e distribuição agrícola que envolvem múltiplas escalas integradas ao setor econômico de distribuição de alimentos. O turismo rural também é uma característica desse bairro, com a presença de um hotel de alto padrão e que emprega moradores do bairro para os serviços gerais.

O evento do megadesastre de 2011 acarretou mortes, muitas pessoas feridas, plantações destruídas e casas interditadas. É importante situarmos que o problema não é a chuva ou a presença dos cursos d'água, mas a ausência de planejamento e medidas que valorizem e respeitem as condições ambientais do bairro.

Por meio do trabalho de campo, percebemos a ausência de aparatos do estado, e a visão do espaço rural meramente como produtor agrícola. Devemos caracteriza o espaço rural não somente como espaço produtivo, mas sim como espaço de descontinuidade e multiplicidade de atividades.

Se, por um lado, as práticas espaciais dos agricultores ressaltam aos olhos no espaço, a relação dos órgãos públicos com o bairro não é tão visível. Nesse sentido, entre as novas formas de associação entre campo e cidade, as práticas, espaciais, efetivam projetos, com fluxos cada vez mais dinâmicos, de produção, com a tecnificação da agricultura para o abastecimento. O bairro de Vieira se mostra como um espaço híbrido, com continuidades e descontinuidades, além de distintas formas de organização espacial, que viabilizam uma forma de enxergar o espaço rural a partir sua multiplicidade.

Foi possível identificar a organização espacial do bairro, além de compreender seu caráter histórico. Os trabalhos de campo possibilitaram identificar que o bairro possui subdivisões, cada uma com características particulares. Mostrou ainda que a diferenciação econômica entre os ganhos dos moradores e a concentração de terra são fatores que tornam a estrutura econômica e fundiária desigual. Através da pesquisa, compreendemos a dimensão do evento e como ele ainda é vivo no cotidiano dos moradores do bairro de Vieira. Ao enfrentar e valorizar suas estratégias, os agricultores constroem (cotidianamente) as suas territorialidades, consideradas nesse trabalho também como ruralidades.

O trabalho de campo possibilitou compreender a organização econômica do bairro e entender o evento a partir dos atores locais. A área mais afetada foi o núcleo urbano, por ser a área mais baixa e com a presença significativa de córregos e valões. Nesse sentido, as estratégias utilizadas para construir um conjunto, um sistema próprio de estratégias que busca assegurar seus objetivos de ampliação ou ao menos de manutenção da terra ligada à família. O bairro se mostrou híbrido em suas relações sociais, haja vista que, além da agricultura, a atividade hoteleira emprega aproximadamente sessenta moradores do bairro e proximidades, além de possuir serviços e comércios.

A relevância em se estudar a temática contribuiu para a formação acadêmica e pessoal, pois a análise geográfica permitiu incorporar as técnicas de campo, os conceitos da geografia agrária e a aplicação do geoprocessamento. Enquanto cidadão e como formando em bacharel em Geografia, a realização deste trabalho foi início de um comprometimento junto aos moradores e a possibilidade de auxiliar em futuros estudos de caso nessa localidade. A formação do cidadão e do Geógrafo caminha lado a lado, nesse sentido, a aplicação dos conhecimentos técnicos em prol de setores mais vulneráveis se torna uma obrigação cada vez mais pujante.

O reconhecimento desta área de estudo possibilitou a compreensão, ainda que inicial, da complexidade presente nas relações sociais mediadas pelo evento. Esse trabalho não se encerra por aqui, mas é o início de futuras inquietações. Temos como objetivos futuros entender a Fazenda Ermitage, local que muitas famílias do bairro foram realocadas. A formação do Geógrafo possibilita analisar os espaços, seja ele rural ou urbano, partindo de seus elementos físicos e sociais, sem desconectá-los, mas a partir de uma visão integrada. Os temas abordados nesse trabalho – evento, megadesastre, práticas socioespaciais, agricultura familiar -, foram, na medida do possível, abordados de forma integrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGLI, Priscila: “Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição”. In. SPOSITO, Maria Encarnação B; WHITACKER, Arthur Magon (Org.), **Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e rural**, São Paulo, Expressão Popular, 2006.

BENEVIDES, Lúcia Rios da Silva **A atenção psicossocial e as intervenções geradas em contextos de desastre: a experiência de profissionais em Teresópolis**. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**, 7ª Edição. Editora Ática: São Paulo, 2003.

DRM-RJ – Serviço Geológico do Estado do Rio de Janeiro. **Diagnóstico do Megadesastre da Região Serrana**, janeiro de 2011. Rio de Janeiro (RJ): DRM-RJ, 2011.

HESPANHOL, R. A. M. ; COSTA V. M. H. A Agricultura familiar no âmbito do poder local: A atuação do PRONAF Infraestrutura e serviços municipais. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, Vol. 62(2): 69-90, agosto 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, I. F (2013). **O Fluxo Gravitacional de Massa do Vieira, Teresópolis-RJ, Megadesastre de 2011: Descrição, Análise das Feições Sedimentológicas e Apreciação das Características Mecânicas**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Geociências, Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 89p

LIMA, I. F (2013). **O Fluxo Gravitacional de Massa do Vieira, Teresópolis-RJ, Megadesastre de 2011: Descrição, e Classificação**. DRM 2013, 7p.

MARAFON, Gláucio José et al. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: ED UERJ, FAPERJ, 2013, p. 23-36.

MARAFON, Gláucio Jose. Permanências e Mudanças no Campo: Transformações no espaço rural fluminense. In . **Rio de Janeiro um olhar socioespacial**. Rio de Janeiro. Grama, 2010

NEVES, Delma P. Agricultura familiar: quantos ancoradouros!. In: FERNANDES, B.M.; MARQUES M. I. M.; SUZUKI, J. C. (Org.). **Geografia Agrária: teoria e poder**. São Paulo: Expressão Popular, 2007

PETERSEN, Paulo. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro** .Paulo Petersen (org) - Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Natureza e relações sociais. In _____, **Os (des)caminhos do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.125-135

RAMIRES, Julio Cesar Lima; PESSÔA, Vera Lucia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Glaucio José et. al (org.). **Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: Ed UERJ/FAPERJ, 2013, p. 23-36.

RODRIGUES, J.; TUPINAMBÁ, M.; AMARAL, C. P. **A corrida de massa do Rio Vieira em Teresópolis, Sudeste do Brasil: caracterização da área-fonte dos sedimentos transportados**. Anuário do Instituto de Geociências da UFRJ, v. 35, n. 2, p. 152164, 2012.

RUA, João. “As crises vividas pelo estado do Rio de Janeiro e a emergência de novas territorialidades em áreas rurais”. In MARAFON, Gláucio; RUA, João e RIBEIRO, Miguel Angelo (orgs.) **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007 , pp. 271-98.

RUA, João. “Urbanização em áreas rurais no estado do Rio de Janeiro”. In MARAFON, Gláucio José e RIBEIRO, Marta Foeppe (orgs.). **Estudos de geografia fluminense**. 1 ed. Rio de Janeiro: Infobook, 2002, v. 1, pp. 43-70.

SANT’ANA, Antonio Lázaro; COSTA, Vera Mariza H. M. **Agricultura familiar, estratégias de base e modos de vida**. 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Terra Brasilis**, v. 1. [http:// terrabrasilis.revues.org/246](http://terrabrasilis.revues.org/246). Acessado em 10/9/2013. 2012.

SILVA, Jorge Xavier In: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.393-436

SOTRATTI, Marcelo Antônio; MARAFON, Glaucio José. A pesquisa qualitativa nos estudos do patrimônio cultural em espaços rurais: desafios e possibilidades. MARAFON, Glaucio José et. al (org.). **Pesquisa Qualitativa em Geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Ed UERJ/FAPERJ, 2013.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O trabalho de campo em geografia : por uma perspectiva participante de investigação científica MARAFON, Glaucio José et. al (org.). **Pesquisa Qualitativa em Geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Ed UERJ/FAPERJ, 2013.

TORRES, Laura; ABRAHAM, Elena; PASTOR, Gabriela. Aportes de Pierre Bourdieu AL concepto de reproducción social. Hacia La noción de <<estrategia>> .in. Ventanas sobre El territorio: Herramientas teóricas para comprender las tierras secas. 2014

VIANNA, Angela Ramalho. **Conflitos Ambientais no Brasil: natureza para todos ou somente para alguns?** (supervisão geral de Gabriela Scotto). Rio de Janeiro: IBASE/Fundação Heinrich Böll, 1997, p.9-33.

Acesso a sites de internet:

QUEIROZ, Dilson Garcia de. **História de Vieira_Como surgiu esse Terceiro Distrito**. Rio de Janeiro, 15 jun. 2013. Disponível em: <https://historiadevieira.blogspot.com.br/2013/06/historia-de-vieira-como-surgiu-esse.html?spref=fb> Acesso em: 15 nov. 2017

SIDRA IBGE : Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>> Acesso em 10 de Nov, 2017

CIDADES IBGE: Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj>> Acesso em 12 de Nov. 2017